

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – UFRGS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E
INSTITUCIONAL
NÍVEL MESTRADO ACADÊMICO

CAMILA PEREIRA ALVES

EXPERIÊNCIAS DE UM PESQUISAR NÔMADE:
Composições escritas entre trabalho e educação

Porto Alegre

2018

CAMILA PEREIRA ALVES

**EXPERIÊNCIAS DE UM PESQUISAR NÔMADE:
Composições escritas entre trabalho e educação**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Social e Institucional.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Jaqueline Tittoni

Linha de Pesquisa 3: Redes Sócio-Técnicas, Cognição e Comunicação

Porto Alegre

2018

CAMILA PEREIRA ALVES

EXPERIÊNCIAS DE UM PESQUISAR NÔMADE:

Composições escritas entre trabalho e educação

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Social e Institucional.

Porto Alegre, 13 de setembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Pós-Dr.^a Jaqueline Tittoni

(Orientadora) Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof.^a Pós-Dr.^a Roberta Romagnoli

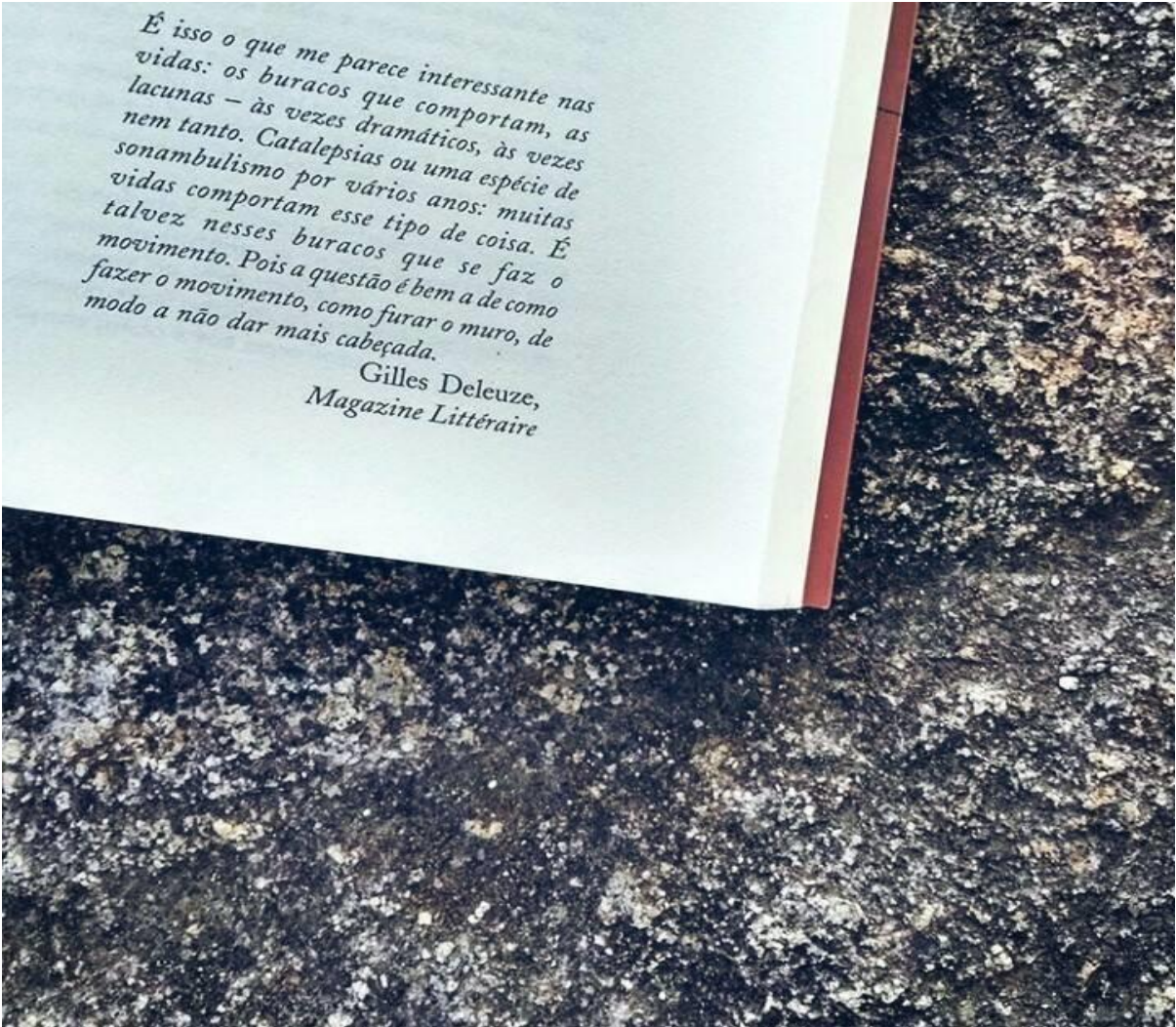
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas)

Prof. Dr. Rodrigo Lages

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof. Dr. Luciano Bedin

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)



É isso o que me parece interessante nas vidas: os buracos que comportam, as lacunas – às vezes dramáticos, às vezes nem tanto. Catalepsias ou uma espécie de sonambulismo por vários anos: muitas vidas comportam esse tipo de coisa. É talvez nesses buracos que se faz o movimento. Pois a questão é bem a de como fazer o movimento, como furar o muro, de modo a não dar mais cabeçada.

Gilles Deleuze,
Magazine Littéraire

Aos que ainda não podem estar aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradecer por esse percurso de Mestr(ar) convoca memórias e afetos de muitos tempos. Por isso, certamente as palavras de agradecimento que seguem não poderão dar conta de responder na mesma importância o que esses encontros produziram nessa experiência.

Aos que vieram antes mim e iniciaram a travessia pelas políticas afirmativas das universidades.

À gestora, coordenadora e colegas de trabalho pela energia e aposta numa passagem pelos *entres*.

Às amigas e amigos que acompanharam e incentivaram essa travessia.

À Edlamar pela escuta e pela produção afetiva de um endereçamento de força e luta.

À Fernanda e Luiza pela delicadeza, cuidado e afeto desses anos.

À Fernanda e Jessica pela força e coragem das mulheres inspiradoras que são, e pelo conforto e afago vividos na nossa amizade.

À minha família pelas histórias do passado e pelo incentivo aos estudos.

À minha mãe, Isolina, pela força de um tornar-se mulher e pelas primeiras aprendizagens sobre tessituras.

Ao meu pai, José, que desde a época da boleia, nos ensina sobre as experiências de um percurso nômade.

Ao meu irmão, Mateus, por uma companhia que só um irmão pode fazer.

Ao meu companheiro de existência e luta, Tiago, pelo amor e dedicação na invenção dessa caminhada.

Ao PPGPSI/UFRGS pelas condições de possibilidades para que trabalhadores também se tornem pesquisadores e pelas resistências como programa de pós-graduação em tempos de golpe.

À turma de mestrado 2016/2 pelos primeiros tempos de mestrar e pela composição de um grupo que foi um pequeno continente para quem se atrevia a aprender com sonhos.

Ao Grupo Lindo de Pesquisa (Caóptikus/PPGPSI/UFRGS) e as suas diversas gerações pela acolhida, cuidado e produção de um comum nos intensos finais de expediente.

À querida orientadora, Jaqueline Tittoni, pela companhia amorosa nesses percursos de vida e pesquisa.

À Banca de Defesa, Prof^a Roberta Romagnoli, Prof. Rodrigo Lages e Prof. Luciano Bedin, pelas aprendizagens e acompanhamento dessa escrita.

*Não estamos alegres, é certo, mas também
por que razão haveríamos de ficar tristes?
O mar da história é agitado as ameaças e as
guerras, haveremos de atravessá-las,
rompê-las ao meio, cortando-as como uma
quilha corta as ondas.*

Maiakovski (2018)

RESUMO

Este estudo diz respeito a um percurso tensionado entre as instituições Trabalho e Educação. Escrita ensaística, que objetivou acompanhar os modos com os quais opera quem pesquisa como trabalhador-estudante e trabalhadora-estudante, na composição de um “entre” territórios instituídos. “Entre” forjado no que é historicamente separado pelas instituições de trabalho e educação, sendo necessário forjar dispositivos que sustentem um habitar inventivo desse território existencial. Habitar ficcionado pelo encontro com a literatura menor, narrativas, cartas e fragmentos de experiências de quem, como trabalhadora-estudante, se metamorfoseia em pesquisadora nômade, produzindo percursos e percalços como formas de (r)existir na bricolagem das instituições que tentam encerrar em si o que podem ser ofícios e aprendizagens. Por fim, tensionamos as relações que operam o trabalho em educação, a partir de dispositivos menores para a composição de um plano comum, no campo da pós-graduação. Propusemos ao grupo de pesquisa do qual somos integrantes, a criação de um diário coletivo em que os componentes do grupo (de pesquisa Caóptikus/PPGPSI-UFRGS) pudessem narrar aquilo que não encontra lugar nos corredores universitários porque segue pulsando pelos “entres”. A composição de um plano comum de (r)existências na pós-graduação não aconteceu pela escrita, conforme inicialmente havíamos desejado/planejado, mas o convite à coletivização do que nos passa enquanto pesquisadores dos “entres” afetou o grupo de outras formas, sobretudo na criação de espaços-tempos atividades colaborativas.

Palavras-chave: Trabalho. Educação. Território existencial. Estratégias de Resistência.

ABSTRACT

This study concerns a planned course between the Work and Education institutions. Essay writing, which aimed to follow the ways in which those who work as worker-student and worker-student operate in the composition of an 'between' established territories. 'Forged' in what is historically separated by institutions of work and education, it being necessary to forge devices that sustain an inventive dwelling of this existential territory. Dwelling fiction by the encounter with the minor literature, narratives, letters and fragments of experiences of who, as a student-worker, metamorphoses into a nomadic researcher, producing pathways and mishaps as ways of (r) existing in the bricolage of institutions that try to shut themselves up which can be crafts and learning. Finally, we intend the relations that operate the work in education, from smaller devices to the composition of a common plan, in the field of post-graduation. We proposed to the research group of which we are members, the creation of a collective diary in which the members of the group (Caóptikus / PPGPSI-UFRGS) could narrate what does not find place in the university corridors because it continues to press for the 'entres'. The composition of a common plan of (r) existences in the postgraduate did not happen by the writing, as initially we had wished / planned, but the invitation to collectivization of what passes to us as researchers of the 'entres' affected the group in other ways, mainly in creating space-time collaborative activities

Keywords: Work. Education. Existential Territory. Strategies of Resistance.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÕES DE TRABALHO PARA UMA ESTUDANTE QUE PESQUISA	9
2	ESPREMER UM TEMPO ENTRE TRABALHO E EDUCAÇÃO.....	13
2.1	Carta I	13
2.2	Entreme(Ar) Trabalho e Educação	17
2.3	Trabalho Imaterial e a Colonização do Desejo.....	21
2.4	Análise de Implicação – Um Exercício Ético de Si.....	25
2.5	Carta II.....	30
3	ENSAIAR UM ESTILO ENTRE NARRAR E PESQUISAR	34
3.1	Pode Um/A Trabalhador/A Ser Escritor/A?.....	34
3.2	Narrativas Ensaaiadas Por Fragmentos e Uma Literatura Menor	36
3.3	Carta III	40
3.4	Percursos e Percalços de Um Pesquisar Nômade	42
4	SUSTENTAR UM HABITAR PELAS MARGENS DE PESQUISA	47
4.1	Diários – Um “Fora-Texto” Institucional	47
4.2	Cartas – Escrever Com (Um) Endereçamento	49
4.3	Carta IV.....	50
4.4	Diário Coletivo – Uma Passagem Para Escrita Comum	52
4.4.1	Carta – Convite	55
4.4.2	Experiências De Uma Escrita Comum.....	57
5	CONSIDERANDO POSSIBILIDADES PARA UM FINAL.....	61
	REFERÊNCIAS	63
	ANEXO – FRAGMENTOS DE UMA CARTA NÃO ENVIADA	67

1 INTRODUÇÕES DE TRABALHO PARA UMA ESTUDANTE QUE PESQUISA

Uma estudante surta em sala de aula¹. Um contato se articula com os serviços de assistência e saúde na defesa e garantia dos direitos de crianças e adolescentes. Um estudante tenta o suicídio. Uma estudante descobre que está grávida. Um grupo de jovens usa e abusa de substâncias psicoativas ilícitas dentro e fora dos portões da escola. Uma estudante sobe na cadeira do salão e filma a mãe comemorando a conquista do seu diploma na formatura. Estudantes questionam o que faz seus professores estarem ausentes na escola. Estudantes laudados que por anos tiveram dificuldades de relacionamento, ao mudarem de escola, descobrem o prazer de correr e brincar juntos na chuva, na poça de lama e na churrasqueira com restos de cinzas. Um senhor estudante aprende a brincar com as letras do seu nome. Uma estudante burla as regras de convivência criadas pelo seu grupo e põe em risco a vida das demais colegas. Uma criança estudante tenta se livrar do sangue do seu pai. Um professor se angustia com os limites que a sala de aula lhe impõe. Uma turma de alunos se espanta ao saber que o cronograma não está definido no primeiro dia de aula. Uma mãe invade um território escolar e seus filhos pedem ajuda à professora, tempos depois uma criança-estudante gentilmente colhe a mão dessa professora no ar e lhe diz que ela e as outras crianças-estudantes também ajudarão a cuidar das crianças-estudantes que pediram por cuidado. Estudantes trocam ofensas, tapas e boletins de ocorrência. Um estudante é colocado dentro da viatura policial pelo próprio professor. Uma escola é invadida, as professoras e os trabalhadores são feitos reféns, as estudantes que estão no pátio anotam a placa do carro suspeito e chamam a polícia. Estudantes bolsistas não podem ir à escola por uma semana porque foram roubados por policiais numa batida na favela. Uma estudante questiona a professora sobre o motivo pelo qual naquela escola não está autorizada a criação de um grêmio estudantil. Estudantes mobilizam a escola e sustentam a criação de uma parada LGBTQI+ durante os períodos de aula. Estudantes do ensino médio pesquisam sobre a desinstitucionalização da loucura enquanto estudantes de graduações da saúde questionam se não seria interessante oficializar a contratualização dos leitos em saúde mental que arranjaram no hospital psiquiátrico. Um estudante bate na professora em sala de aula. Uma estudante é encaminhada para o serviço de atendimento psicológico da instituição por ser vítima de exploração sexual, quando seu próprio agressor é quem lhe cobra a frequência e a participação em sala de aula. Estudantes precisam pagar pedágios com sexo oral para passar

¹ Fragmentos de um dos Diários de Pesquisa de uma das Pesquisadoras.

nos corredores esvaziados da escola. Jovens estudantes tomam remédios para emagrecer, dormir e ficar acordados durante a semana de provas. Um estudante morre durante as férias e a escola não fala sobre a sua morte. Uma estudante destrói os armários da sala de aula ao afirmar ouvir a voz da professora, apesar de estar sozinha na sala. Nos corredores da escola vazia e úmida escuta-se uivos e soluços. Um cachorro acompanha as aulas de literatura semanalmente. Uma psicóloga na educação questiona as condições de possibilidade na produção de um percurso formativo sobre trabalhar e estudar nomadicamente num tempo freneticamente acelerado: seria possível parar a vida para aprender a pesquisar?

...

No início, era a angustia por habitar, pelo menos, dois campos entendidos completamente diferentes. De um lado, a universidade pública, produtora de conhecimento e titulação; do outro, uma grande empresa que tinha por objetivos fornecer o melhor em educação para o mercado. Lugares que pareciam intransitáveis e incomunicáveis. O modo binário de problematizar as convocações sociais ainda se fazia presente. Linhas duras² atravessavam e rasgavam a condição de estudante e trabalhadora que se pretendia produzir numa pesquisa. A passagem dos fluxos era percebida de forma linear e, mesmo por isso, precária às condições de possibilidades que o tensionamento deste *entre* espaços poderia criar. Se era de um ler *entre-linhas*, às vezes, também era seguir pelas linhas que forjavam um texto. No acompanhamento desses fluxos e passagens, se desdobrou uma escrita menor, pequena e afetada pelo detalhe daquilo que se movia singularmente por *entre* caminhos universidade-empresa, educação e trabalho. Percorrer e deslocar-se pelas ruas da cidade fazia brotar linhas de fuga, que reverberavam em sala de aula como aquilo que vivia na avenida e minavam as passagens para o campus da universidade. Entre trabalho e educação, um território era experimentado, embaralhando aquilo que diziam ser apenas de um modo ou outro de existir como trabalhador/a e estudante.

Um corpo de trabalhadora/trabalhador agitado pelos atravessamentos da universidade e

² Para a Filosofia da Diferença, toda e qualquer formação do desejo no campo social opera pela composição de três linhas abstratas de movimento: 1) Linha de Fuga – linha de afetos, invisível e inconsciente, funciona como um fluxo que se manifesta entre os corpos; aquilo que escapa: “É que enquanto se está vivo não se para de fazer encontros com outros corpos (não só humanos) e com corpos que se tornam outros. Isso implica, necessariamente, novas atrações e repulsas; afetos que não conseguem passar em forma de expressão atual, aquela do território em que até então nos reconhecíamos. Afetos que escapam, traçando linhas de fuga – o que em nada tem a ver com fugir do mundo” (ROLNIK, 2014, p. 49); 2) Linha de Simulação – funciona num movimento zigzague ilimitado com a primeira e a terceira linha. Tem um caráter ambíguo de produção, pois oscila entre percursos de territorialização e desterritorialização; 3) Linha Dura – é finita, visível e consciente produzindo “diretrizes de operacionalização para a consciência pilotar os afetos” (ROLNK, 2014, p. 51). Essa é propriamente uma linha, pois se faz visível no desenho das cartografias. Feita de estabilidades, opera com o sedentarismo dos territórios (ROLNIK, 2014).

da rua, também era um corpo de estudante desconstruído, que não mais se questionava sobre as dicotomizações da vida/pensamento, público/privado, trabalho/educação, pois experienciava atravessamentos e golpes de fluxos que transbordavam por todos os lados, sentidos e direções. Não era mais isso ou aquilo, mas a composição de um território que fazia dessa existência os deslocamentos e acoplamentos de tudo que se via, cheirava, sentia e queria passar no atravessamento daqueles muros que, antes, pareciam intransponíveis e encerrados em si. Não era mais um esforço hercúleo compor com estes campos, passava a ser um vício. Um constante anotar, registrar e escrever daquilo que fazia arrepio, coçava e estranhava (ZANELLA, 2013). As ruas transbordavam as instituições de ensino e trabalho. O *entre* muros, o *entre* instituições, o *entre* cárceres desdobravam-se num possível território existencial³, um *entre* forjado com aquilo que acompanha um corpo de passagem. (ROMAGNOLI, 2009).

Dáí a escrita com as ranhuras provocadas pelo caminhar e passar por esse cotidiano de composições territoriais de trabalho e educação. Os (micro)movimentos, os detalhes, aquilo que passa correndo pelo vidro do ônibus, aquilo que afeta um percurso peripatético (LANCETTI, 2008), da ordem do errante e do inesperado de quem se joga num espaço a ser continuamente criado. A incerteza do menor, a provocação do pequeno, as condições de possibilidades suscitadas por uma escrita do vulgar, do profanar ao caminhar universitário. Dessas singularidades desabrochou a vontade de sustentar um diário de pesquisa em que se escrevesse o que se experiencia nesse *entre* de um trabalho e de uma educação. Nisso que se forja durante as passagens de corpos num cotidiano de trabalho e ensino, freneticamente acelerados num tempo que, às vezes, se faz dinheiro e prazer por entregas ao trabalho; às vezes, se faz letargicamente com os imperativos da formação permanente e desenvolvimento de competências; e, às vezes, simplesmente preferem um não participar, tal qual Bartleby, que, aliás, também escrevia em Wall Street. (MELVILLE, 2009).

Dessa intempestividade, dessas outras possibilidades cresceu a vontade de escrever ao perceber que aquilo que no início era nomeado binário, angustiado por poucas visões de saída numa lógica educação-trabalho, se (des)dobra e se recoloca como possibilidade de um experimentar *entre*, da potencialização e de um hiato. Em algum momento da transitoriedade, das navegações e caminhadas, percebeu-se que algo se deslocava por uma trajetória de fuga,

³ Habitar um território existencial é uma das pistas do método cartográfico. “O território é uma assinatura expressiva que faz emergir ritmos com qualidades próprias que, não sendo indicações de uma identidade, garantem a formação de certo domínio.” [...] “O território não se constitui como um domínio de ações e funções, mas sim como um *ethos*, que é ao mesmo tempo morada e estilo. Os sujeitos, os objetos, e seus comportamentos deixam de ser o foco da pesquisa, cedendo lugar aos ‘personagens rítmicos’ e às ‘paisagens melódicas’” (ALVAREZ; PASSOS, 2012, p. 133-134). Um território existencial está sempre em constante produção.

invenção de outro território; não mais aqueles dois nomeados desde o início, mas um território forjado na experiência de quem pesquisa pelas margens, pelas beiradas, pelo que sobra. Restos margeados por solidificações monumentais, construções centenárias, instituições protegidas por enormes muros, grades e calabouços. Muros intransponíveis para quem não faz parte da corte ou não se configura como alguém da lista de convidados a adentrar o espaço cercado. Muros densos, mofados e escorregadios que, por vezes, são cravejados de lanças afiadas para impossibilitar as tentativas populares de pulá-lo. Muros adormecidos, que parecem crescer da noite pra o dia e que fazem sombra já cedo da tarde. Muros ornados pela presença de urubus, tal como os que Lucas encontrava na cidade, tempos depois do tio Baltazar sumir e a Companhia Melhoramentos iniciar a tomada da cidade com a construção de muros que, pela memória do jovem estudante, não se sabia se haviam sido construídos ali mesmo ou trazidos de fora e colocados nas ruas da cidade (VEIGA, 1988). Na caminhada costeira aos muros, descobriam-se algumas entradas que oficializavam a passagem entre seus interiores instituídos e a rua ainda destituída de barreiras muradas. Nesses longos acompanhamentos de concreto que se tornavam muros, havia quase sempre uma monitoria, um código, uma senha, um crachá que apitava no passar das geladas catracas, das roletas russas para acesso. Muros que guardavam, davam conforto, ostentavam e sustentavam. Por vezes, enclausuravam, e, às vezes, protegiam o que ficava comodamente dentro deles.

No *entre* caminhos universidade-empresa/trabalho-educação, algumas coisas se deslocaram. A questão não era mais circular entre o bem ou o mal, o público ou o privado, mas o que fazia pulsar a curiosidade sobre como aqueles muros cresciam e produziam uma cidade. A curiosidade comichava e fazia crescer a vontade de escrever, quando era interpelada por *flashes* de imagens vistas através dos furos, que cintilavam para quem movia-se por dentro das instituições muradas tomar outras proporções nos caminhos que ligavam as instituições emparedadas e, por vezes, emolduradas num jeito de pesquisar, aprender e trabalhar.

Afetações como essas produziram as condições de possibilidades para a composição dessa escrita. Trabalho que se compõe por três momentos organizados em capítulos. No primeiro momento, problematizamos a histórica separação entre trabalho e educação e os entraves experimentados por pesquisadores que se produzem a partir dos lugares de quem trabalha e estuda ao mesmo tempo. Já com o segundo capítulo, nos dedicamos à escrita daquilo que se produz entre esses campos, chamados territórios existenciais, que na experiência de quem os vive, tanto aproxima quanto separa as instituições de educação e trabalho. E, por fim, tensionamos as relações que operam do trabalho em educação a partir de dispositivos menores, para a composição de um plano comum no campo da pós-graduação.

2 ESPREMER UM TEMPO ENTRE TRABALHO E EDUCAÇÃO

2.1 Carta I

Porto desalegre, março de 2018.

De: Pesquisadora dos entres

Para: Porteiro de Castelo

Olá Colega! Será que chove? Como está o seu tratamento para lombar? Difícil essa vida de vigia que fica em pé, né?!

Semana passada foi difícil. Todo o ano é a mesma coisa: flores, chocolate (barato), frases de efeito e mensagens de autoajuda. É sempre tenso entrar em março e anotar compromissos de trabalho para o dia 8. Nesse ano completo cinco anos de labuta lá na firma, já posso me considerar alguém adaptada aos movimentos institucionais, e de longe, já consigo “adivinhar” certas pautas. Pois bem, segura e do alto dessa longa caminhada (quem vê pensa), fiz aliança com outras colegas-companheiras e decidimos compor estratégias, ao invés de nos queixarmos, como há quatro anos eu faço, e dessa vez iríamos agir antes que agissem conosco. O plano era simples: íamos promover ações de politização do dia 8 de março. Nada mais apropriado que falar de uma linha do tempo sócio-histórica para marcar nossas trajetórias, não é mesmo? Até porque nessa educação, a perspectiva político-pedagógica é sociointeracionista. Logo, era bem possível propormos uma semana de atividades que discutissem o marco histórico desse dia e suas questões políticas. Era fácil e óbvio até o planejamento. Logo que a proposta foi apresentada à gestão, tivemos as asinhas cortadas. Era preciso “dialogar” com os colegas educadores, problematizando o dia 8 de março e não encaminhando material “pronto” sobre o dia da mulher e a ainda necessária luta pela garantia e igualdade de direitos, mais conhecida, como feminismo. Foram dias torturantes. Sensação de censura. Nosso material não foi compartilhado com os demais colegas porque era muito afirmativo, quando na abordagem pedagógica dessa educação, devemos desenvolver uma perspectiva de trabalho mediadora e problematizante. “Não entregamos o peixe, ensinamos a pescar”.

Uma das nossas hipóteses para a não aprovação do material que criamos para o 8 de março é que no último slide propomos a leitura e disponibilizamos o link para download do livro da Chimamanda Adichie: “Para educar crianças feministas”. Daí as constantes

associações com o romance distópico Fahrenheit 451, de Ray Bradbury (1953). Era a caça às bruxas? Sem asas, sem vassouras e sapecadas pela censura. Dias tristes, querido porteiro. Depois do banho de água fria, uma das gurias me mostrou uma imagem que circulava pela internet. Era a fotografia de uma das obras de Jorge Méndez Blake, conhecida como “O impacto de um livro”.

A literatura tem sido uma linha de fuga importante para o trabalho e para a (não) escrita da dissertação. Percebi, ainda no final do ano passado, que esse tempo de golpe, de assédio, de violação dos nossos direitos, de rasgos na Constituição Federal de 1988, careciam de inspiração literária, de nutrição para resistência po-ética. Ainda para o projeto de mestrado, tinha lido um pouco do Lourau quando ele falava do extra-texto dos diários de grandes autores que publicaram e divulgaram ciências. E desde então, tenho pensado que uma escrita possível para um estudante-trabalhador é justamente aquela que fica pelas bordas dos discursos ditos científicos.

O que pode um trabalhador produzir na pós-graduação? Sendo ele aquele que vincula horas de trabalho a horas de educação, aquele que mescla campos e áreas, que tritura experiências a fim de nomeá-las por conceitos e sentidos. Ando percebendo que uma das estratégias possíveis para esse fazer acadêmico se dá pela escrita da margem. Daí lembrei dos ditos diários, das escritas que eram extratextos daquilo que era publicado para alimentar as ciências e fui buscá-los. Conheci Anne Frank, Lima Barreto, Dostoiévski e Bauman (“Isto não é um diário”, talvez, por isso, esse eu ainda não o tenho lido). Da vida dos autores, migrei para os contos, poemas e romances. Abracei as literaturas que encontrava em casa e nas bibliotecas. Uma colega professora de língua portuguesa escutou minhas leituras e achou que eu me interessaria por um Tchékhov que ela guardava na gaveta: “Um bom par de sapatos e um caderno de anotações”. Pronto! Reencontrei a pesquisa caminhando com ele para a Sacalina. Depois disso os textos caminhantes do hodos-meta se fizeram interessantes mais uma vez.

Dias depois, uma colega que faz estágio em biblioteconomia lembrou de uma literatura que eu havia lido e dos papos que batemos nos últimos encontros e avisou: “Tenho em mãos alguém que tu precisas conhecer: Diana Klinger. Ela escreveu ‘Literatura e ética: da forma para a força’”. Foi amor à primeira vista. Essa doutora em Letras escrevia através de cartas e luzes voltaram a piscar nas margens da pesquisadora que podia habitar em mim.

Desde o projeto tenho pensado que a questão que envolve o estudante-trabalhador passa pelos territórios existenciais que ele inventa para habitar. E se inventa é porque é curioso e tensiona encontros que não necessariamente estavam previstos, quiçá era/são possíveis. Se o estudante-trabalhador inventa territórios e inventa a si mesmo como um possível pesquisador,

poderíamos afirmar que o seu modo de invenção é também um modo de resistência para forjar a si como pesquisador. Se inventar é resistir e para resistir é preciso inventar, parece ser necessário que se forje condições de possibilidades para isso. E particularmente, tenho achado que uma condição possível para sustentar esses processos inventivos se dá pela estética, pela ficção, pelas narrativas, pelas literaturas.

Daí que pensei que o estudante-trabalhador percorre, segue e se perde por caminhos que conectam e desconectam instituições e discursos a partir da sua experiência, do seu próprio corpo. Afinal, como pode um trabalhador-estudante fazer passagem pelos grandes muros castelares? Lembra que no início eu tomava a instituição Educação e a instituição Trabalho com letras maiúsculas, completamente separadas territorialmente e binarizadas como o céu e o inferno? Então, ao contemplar a arte do mexicano Jorge Méndez e me dar conta que o livro que provocava rachaduras, fissuras e os famosos “furos nos muros” do instituído era o “Castelo”, do Franz Kafka, nada mais nada menos, do que o castelo de Praga, que não é só um castelo, mas um complexo castelar circundado por muros (in)finitos. Revisitei a maneira como eu tomava a separação das instituições e, cada vez mais, acredito que as coisas estão paradoxalmente juntas e separadas.

Rapaz! Acho que deu caldo. Não tem mais jeito. Vou ter que ler o ‘Castelo’ porque vai ser o franzino morador da vila de ourives que vai me acompanhar na construção desse ensaio, ficção sobre muros e castelos habitados não somente por moradores da vila ao lado, mas por estudantes-trabalhadores viajantes.

Te cuida. Toma água, aí tem muito pó de cimento e isso não é bom pros teus pulmões.

Aquela que pesquisa, delira e ensaia uma pesquisa.

Ps.: Essa é a obra-imagem que me fez pensar-acreditar em furos e desvios nos muros mais uma vez.

Figura 1 – Obra: O impacto de um livro.



Fonte: A autoria de Jorge Méndez Blake.

2.2 Entreme(Ar) Trabalho e Educação

Outra vez atrasada para o encontro com a universidade⁴. As agendas do grupo de pesquisa construídas coletivamente têm contemplado os trabalhadores e suas condições de possibilidades para tornarem-se pesquisadores. Para depois do expediente um evento na universidade que considera a vida de quem estuda e trabalha, mas mesmo assim, há previsão de atrasos com os deslocamentos. São dois ônibus e o tempo de espera que uma parada pode exigir, para viver entre o trabalho e a universidade. No último minuto, a sirene do telefone toca e se descobre outro caso de violação de direitos de uma das crianças matriculadas num dos programas de educação da instituição. Uma urgência. O encontro acadêmico precisava dividir mais tempo com o trabalho.

O segundo ônibus passava em frente ao templo neopentecostal da movimentada avenida. Vários trabalhadores iam sentados no coletivo urbano com pescoços curvados e olhares fixamente detidos nos estímulos das pequenas e grandes telas que iluminavam suas retinas. Alguns olhavam pela janela outros estavam sem bateria. Muitos trabalhadores ambulantes seguiam gritando seus objetos de venda no adiantado da hora e na noite fria que caía. O motorista freia o ônibus em cima da parada. A superlotação consegue mostrar mais e mais possibilidades de composição. Com a face espremida junto a janela numa transpiração que escorre, se observa um pastor exorcizando uma mulher na escadaria do templo. Observava o trabalho daquele pastor e pensava na desinstitucionalização do trabalho templário. Ainda não tinha sido acompanhada uma cena de desobsessão em via pública no século XXI. Talvez os sinais não indiquem bons tempos. Segue-se o balanço das acelerações e freadas do coletivo urbano. Na rodoviária da cidade uma amiga ia acompanhar a outra parte da trajetória.

Calçadas que levam à rodoviária seguem sendo uma rota de encontro com trabalhadores ambulantes. Seguem entre a calçada e os grandes pontos de referência da cidade. Trabalho que só visibiliza a catastrófica fase político-econômica na qual se está mergulhado. A ‘moderníssima’ reforma trabalhista foi estimulada pelo ramo empresarial “porque”, em 2016, tinha-se 11 milhões de desempregados e diziam que cumpria-se escolher entre o passado (CLT de 1943⁵) ou o futuro (o artigo definido já dava pista da segmentaridade que se propunha). Caminhar e suportar os constantes desvios que era preciso fazer nesse trajeto para não tropeçar nas improvisadas lojas sobrepostas a pequenas áreas de tecido.

⁴ Fragmento de um dos Diários de Pesquisa de uma das pesquisadoras.

⁵ A Consolidação da Leis Trabalhistas (CLT) no Brasil surgiu pelo Decreto-Lei nº 5.452, no dia 1 de maio de 1943, sancionada pelo Presidente Getúlio Vargas.

Lojas sem-teto que se multiplicavam a cada passo entre o trem e a rodoviária. Caminhar e suportar a precarização das relações de trabalho com a aprovação oligárquica da reforma trabalhista adjetivada como moderna. Caminhar a passos largos para suportar a venda que pessoas fazem de mercadorias que, além de tudo, ainda podem ser capturadas a qualquer momento pelo estado. Encontrar trabalhadores que seguem gritando. Passar por crianças que pedem esmola e já se iniciam como trabalhadores. Há dois anos os propositores dessa reforma ousavam justificar isso com pompa jurídica: “cumpre escolher entre o desemprego ou mais desemprego”. Cumpriu-se!

Escorada na marquise da rodoviária, enquanto aguardava a amiga estrangeira, relembra a cena fresca da desinstitucionalização da (des)possessão feminina. Escutava-se uma melodia em ritmo interiorano, num dialeto acelerado, margeando o confronto com a neurose urbana daquele lugar. Um senhor caminhava pela rodoviária com mochila nas costas, barriga protuberante e gargalhada alarmante cantando ritmicamente uma letra armada: “Não precisa TeMeR o pecado!”, “Quem tem medo do pecado?”. E ao cantar e encarar insistentemente os que parados ali se encontravam, inebriava com sotaque e viola os pensamentos dos que ali aguardavam. Ritmada pela música do violeiro urbano, pensava que a circulação pela cidade ajudava a deslocar a sensação construída de que os ofícios de trabalho precisavam sempre de templos para suas operações.

...

As instituições⁶ sintetizam saberes, acumulam competências e também poeiras em corpos experimentados. Deleuze, ao falar de Foucault, entende que elas se apresentam sempre por dois polos: por regras e aparelhos, provocando regimes de visibilidade e enunciabilidades (DELEUZE, 1988) nas suas formas de existir. Assim, os dias passam demoradamente diante dos olhos de quem se reconhece como um trabalhador-trabalhadora de organizações. Tempo provavelmente diferente para quem se autodeclara trabalhador-trabalhadora e não o que a dita ciência corporativa propõe como colaborador, empreendedor ou integrante de um time, que lamentavelmente aqui não passa nem perto de um estádio de futebol. Angustiantes dias de não saberes, de não circulação das palavras, de impotência. Qual o trabalho demandado? Qual o

⁶ “As instituições não são fontes ou essências, e não têm essência nem interioridade. São práticas, mecanismos operatórios que não explicam o poder, já que supõem as relações e se contentam em ‘fixa-las’ sob uma função reprodutora e não produtora. [...]. De modo que, estudando cada formação histórica, será preciso indagar o que cabe a cada instituição existente sobre tal estrato, isto é, que relações de poder ela integra, que relações ela mantém com outras instituições, e como essas repartições mudam, de um estrato ao outro. [...]. Se procurarmos, a partir daí, definir o caráter mais geral da instituição, seja o Estado ou outra, tenderíamos a concluir que ele consiste em organizar as supostas relações poder-governo, que são relações moleculares ou ‘microfísicas’, em torno de uma instância molar: ‘o’ Soberano, ou ‘a’ Lei, no Estado, o Pai, na família, o Dinheiro, o Outro ou o Dólar no mercado, Deus na religião, ‘o’ Sexo na instituição sexual””. (DELEUZE, 1988, p. 83-84).

trabalho a ser inventado? Como inventar e sustentar uma diferença sem ser permanentemente capturado pelos tentáculos institucionais da colaboração e da sanha constante da criação acelerada e adoecida? O trabalho na organização tem parecido com o de uma selva de clima subtropical: lugar úmido, de difícil acesso, com altas copas de árvores que impedem que a luz do sol seque as folhas que insistentemente se sobrepõem no chão e seguem apodrecendo as que, lá, já estavam. O trabalhador é asfixiado, tentam apodrecê-lo. Os dias têm sido pesados, semelhantes àquela imagem do burguês gordo sendo carregado pelo magricelo trabalhador. Os ombros doem, a lombar não permite alívio e as articulações de punhos e quadris já começam a se manifestar. Inicialmente, eram 8 horas de trabalho, mas com o espraiamento das demandas, os imperativos institucionais têm se feito presentes inclusive nos lugares mais íntimos que um trabalhador pode ter: às vezes, no banheiro e, às vezes, no seu tempo de elaboração onírica. Pesadelos fazem com que os corpos despertem ansiosos, com calafrios e suores que agitam os densos corpos sonolentos. Gritos banhados de restos diurnos insistem na concretude daquilo que é possível lembrar de um violento dia de trabalho. A instituição trabalho está em movimento, ou seria melhor dizer, em centrifugação? Movimenta-se como uma centrífuga há meses, quiçá anos, e neste momento parece que o nível da centrifugação, inclusive dos corpos, está na sua máxima potência até então. Um moedor de carne, de corpos, ao som da música de “*Another Brick in The Wall*”, que insiste em lançar seus *flashes* de videoclipe sobre o trabalho. Pink Floyd, aqui, para tentar ritmar essa linha de produção incessante e massificadora da subjetivação trabalhadora, que começa a desejar outros ritmos, que começa a desejar a não repetição de prescrições e o que pode ser diferente. Que começa a desejar um modo de resistência que acredita poder inventar com outras companhias: companhia do além muro, do depois da rotina, da invenção de desvios para liberação dos fluxos e afetos que podem ajudar na composição de outros percursos.

O risco dos corpos se desintegrarem parece acentuado. Corpos de trabalho que parecem sustentar as paredes do trabalho. Corpos alicerces sentem como se o peso do concreto armado estivesse contorcido e escorado sobre os ombros dos sujeitos. O ar é rarefeito. Difícil respirar, sustentar uma troca com o dentro e fora dos pulmões. Insuportável receber a demanda que urge a inovação, às vezes, a criação. Sem ar, como criar? Criar linhas de fuga, produzir modulações nesse peso que se sustenta nas costas de quem trabalha. Criar jeitos para cavoucar (micro) furos nos densos e sólidos muros instituídos com o que é possível ser carregado nos bolsos e nos modos de subjetivação: agulhas, pincéis, dedais, fios e palavras. (Ar)mar-se com ferramentas sensíveis de trabalho. Trabalhar discretamente na produção de um labor que elabore possibilidades de (r)existência, permanência e fuga de um si mesmo que habita as instituições

muradas. Inventar um arsenal belicosamente delicado para (sobre)viver ao enclausuramento dos ofícios, dos pensamentos e à continua tentativa de colonização do desejo (ROLNIK, 1993) tem sido, de fato, o trabalho.

Quando a carta enviada por Anzaldúa (2000) às mulheres escritoras do terceiro mundo chegou em nossas mãos, através do encontro com uma amiga trabalhadora e militante dos movimentos sociais, ficamos estarecidas com a afirmação da mulher negra que nos convocava à escrita que operasse não por retórica, mas por sangue, suor e pus. As tensões entre as relações de poder no mundo do trabalho e nos processos de subjetivação de trabalhadores-estudantes e trabalhadoras-estudantes há muito estão marcadas por suor e sangue, dito, inclusive, pelas canções entoadas em manifestações públicas e canções criadas em tempos de repressão social e política, mas a afirmativa do pus na escrita nos tomou de surpresa. Secreção purulenta, catarro, pele inflamada em risco de romper-se constantemente. Era isso que acontecia e não sabíamos nomear. Pisava-se por sobre as feridas, constantemente em cicatrização, abertas por um caminhar e pelo golpear constante dos encontros ácidos da resina institucional que insistia em penetrar a pele de trabalho. Era difícil “não deixar a tinta coagular em nossas canetas” (ANZALDÚA, 2000, p. 235) ao tentarmos escrever num final de expediente, durante madrugadas de pés gelados e angustiantes amanheceres para a compensação de horas e horas de um déficit infundável do banco de horas da empresa contratante. A tinta coagulava na caneta que falhava nos contornos das palavras que escreviam aquilo que se marcava como produtividade e eficácia das metas apresentadas nos registros escritos da (re)produção. A tinta coagulava ao sentir que as metas ocupavam, não somente um traçado em mapas e organogramas da empresa, mas doíam como se estivessem tatuados dentro da pele de quem trabalha sob a pressão (ENGELMAN, FONSECA, 2004) e marcação frenética das convocações feitas pela selvageria gerencialista da lógica capitalista (SOARES, 2016). Coagulava porque se negava a dar vazão para as tentativas de colonização do desejo prescritos em modos de escrever cartesianamente decididos e pautados como cientificamente limpos e neutralizados. Criar, produzir, inventar e acompanhar programas de educação e modos de educar por metas fixadas no material mais denso e elástico que um/a trabalhador/trabalhadora pode ter: sua própria pele. Ao ler a carta de Glória Anzaldúa, publicada no Brasil, em 2000, mas originalmente escrita em 1981, iniciamos a invenção de uma tentativa de elaboração (elaborar – labor – trabalho) daquilo que frequentemente nos tornava pegajosos e malcheirosos.

Escrever com pus nos fez olhar para as feridas e para a tinta coagulada da caneta que se negava a escrever, talvez, negando-se a participar de uma produção preparada para a imediata captura da experiência, para a reprodução de um modo de escrita enquadrado numa lógica

empresarial-acadêmica-institucional já definida. Olhar para o pus que escorria nos fazia perceber que a ponta da *bic* insistia em romper a sensível pele que tentava se regenerar por sobre as camadas de tecidos que sustentavam a solidez dos pesados muros instituídos. Sentir e tentar sustentar a ponta da caneta deslizar pela sensibilidade cutânea, daquilo que metamorfoseia outras possibilidades de habitação da pele castigada e tatuada por cicatrizes insistentemente purulentas. Estava marcado que a escrita se engendraria num corpo de couros perfurados em constante cicatrização. Olhar para as experiências fétidas e purulentas do trabalhador passava a ser uma aposta na não coagulação da tinta que fluía na caneta *bic* guardada atrás da orelha.

2.3 Trabalho Imaterial e a Colonização do Desejo

Quando Suely Rolnik participava do concurso para ser professora titular na PUC/SP, em 1993, apresentou seu memorial como uma aula e falava aos presentes sobre a potência das marcas como gênese de devires, marcas como ovos de linhas do tempo.

[...] vamos nos criando, engendrados por pontos de vista que não são nossos enquanto sujeitos, mas das marcas, daquilo em nós que se produz nas incessantes conexões que vamos fazendo. Em outras palavras, o sujeito engendra-se no devir: não é ele quem conduz, mas sim as marcas (ROLNIK, 1993, p. 05).

E seguiu dizendo que as marcas exigem um trabalho de corporificação para as experiências, propondo, então, o pensamento como um exercício. “Pensar é chegar ao não-estratificado. Ver é pensar, falar é pensar, mas o pensar opera no interstício, na disjunção entre ver e falar” (DELEUZE, 1988, p. 95). Acontece que as marcas que têm retalhado a pele-couro do trabalhador, sustentam-se em discursos retoricamente tayloristas que bradam a separação entre aqueles que pensam e aqueles que executam, afirmando uma divisão segregacionista entre trabalhadores imbuídos da programação, planejamento e desenvolvimento estratégico de programas de educação, daqueles que executam e operacionalizam os tais programas. A divisão científica do trabalho compartilha o espaço com a imaterialidade desse mesmo trabalho. Podem ser perspectivas diferentes e localizadas em momentos sociais e históricos distintos, mas que seguem operando por bricolagens nas instituições (SCHWARTZ, 2011). Paradoxos experienciados à flor da pele, já que os mesmos que são indicados para pensar as estratégias de implementação de propostas educativas como uma abstração, também se depararam com a fatiamento dos mínimos movimentos desse ofício. Assim, torna-se difícil, senão impossível, ter a visão completa do programa que está sendo demandado para criação.

“É a alma do operário que deve descer à oficina” (LAZZARATO; NEGRI, 2013, p. 49). Almas que descem, sobem, são jogadas da escada, correm atrás da esteira, afrouxam as articulações endurecidas e são questionadas se não estariam equivocadamente localizadas, fazendo mais do trabalho instrumental, do que do imaterial. Esse parece ser o jogo: construir regras edificadas em todos os matizes de trabalho e não torná-las visíveis para o trabalhador, ou colaborador, se for uma alma mais dócil. Por mais que se busque ler e estudar sobre a história dos camaradas operários, há conceitos discorridos nos livros que não fazem sentido no chão que dizem ter sido de fábrica, e que hoje parecem ser inovadores nas suas propostas moderníssimas de trabalho, apesar de ainda se perceber alguns trabalhadores vestidos com macacões marinhos circulando pelo espaço dito estratégico e distante do operacional.

Coexiste com o trabalho imaterial o cheiro da produção em série, a marcação rígida dos tempos controlados e as escalas de produção definidas hierarquicamente. Esses marcadores se entrelaçam com os processos de criação, tomadas de decisão autônoma e desenvolvimento de competências no estilo permanente da formação de si, engendrando-se com a imaterialidade que transpira pelos corredores da firma. Trata-se, mais uma vez, de experienciar nisso que estremece à flor da pele, a não dicotomização dos tempos e espaços e, ao seguir lendo Lazzarato e Negri (2013), compreender que isso que se vive contemporaneamente como trabalho “não é nem o trabalho imediato, executado pelo próprio homem, nem é o tempo que ele trabalha, mas a apropriação de sua produtividade geral” (LAZZARATO; NEGRI, 2013, p. 52), pois o trabalho imaterial não se (re)produz por exploração da mão-de-obra, mas pela (re)produção da subjetividade⁷. É a marca da alma do trabalhador que passa a ter valor.

Quando Soares (2016) articula os conceitos criados por Guatarri, Negri e cia para nos falar sobre a produção de subjetividade no contexto do capitalismo contemporâneo, adverte o quanto a globalização tem investido em tempo e espaço, afirmando que o capitalismo tem se ocupado não mais dos limites geopolíticos das fronteiras físicas, mas do domínio do desejo.

Deste modo, busca contrair a experiência revolucionária do que pode uma multidão em um tempo *chronos*, ordenando-o numa “normatividade transcendente preestabelecida” (SOARES, 2016, p. 124), que impele o ritmo frenético de reprodução das subjetividades, das experiências e do trabalho. Na tentativa de capturar o desejo, o capitalismo coloca-se como um

⁷ Com Foucault como referência, pensamos subjetividade como uma problematização ética, tomando o cuidado de si como prática de liberdade diante das relações estabelecidas entre sujeitos e tempos históricos. “Existir é resistir, significa também se trabalhar e experienciar a vida não a tomando como ponto de contemplação, mas sim como resultante de um intenso processo tangenciado pelo saber que nos produz, pelo poder que nos disciplina e controla e pela ética que faz com que o sujeito possa se relacionar consigo mesmo segundo certos critérios”. (SOLER, 2008, p. 579).

empreendedor ontológico que toma para si o controle do tempo como cerne da vida. Daí a sensação de esgotamento e secura de um corpo de trabalho que não sente o desligamento do dia de labor, que não está autorizado e tampouco se autoriza a renunciar a agitação da produtividade das metas e objetivos. Corpo exaurido. Corpo abusado. Corpo tenso. Corpo *Chronos*. Corpo cansado da imagem pobre que vê.

Habitar uma instituição híbrida em que os tempos, as ideologias, os desejos, os investimentos e as reproduções coadunam-se mais ou menos nos mesmos lugares, parecia ser inconcebível tempos atrás. Para uma jovem pesquisadora, a crença de que existiria a organização casta e límpida, digna de receber o seu pleno e aguerrido trabalho, espelhava-se na dualidade de lugares marcadamente empresariais e de exercício anunciadamente mercadológico, incapazes e insuportáveis ao ofício de quem defendia políticas públicas, direitos humanos e um paradigma ético-estético-político. Até que pela escuta das longas e densas histórias dos anciãos experientes em bricolagens e composições múltiplas de territórios existenciais, deu-se conta de que a sua existência em território hibridizado não era algo do inédito ou espetacular. Antes, pelo contrário, ao ouvir as narrativas desses modos e práticas para produzir um trabalho, descobriu que essa era uma possibilidade comum e, além do mais, esperada nos tempos em que os modos de subjetivar capitalistas perpetram todo e qualquer lugar. Foi assim, que, ao encontrar com Gaudêncio Frigotto (2015), durante sua fala no II Intercâmbio Nacional dos Grupos de Pesquisa em Trabalho e Educação (INTERCRÍTICA), descobriu que o próprio Gaudêncio havia passado por engendramentos semelhantes à mistura público-privado, estado-mercado que a pouco rasgava o que a pesquisadora sentia como pele.

Contou ele que a chegada da teoria do “capital humano” nas nossas paragens se deu pelas pesquisas estadunidenses do Professor Economista Cláudio de Moura Castro, que defendia o pensamento liberal, positivista e a concepção dual de educação: um ensino profissional para quem o destino reservava o caminho árduo do trabalho assalariado e um ensino generalista para os estudantes burgueses. Esse professor também estava à época próximo ao Ministério da Educação e do Congresso Nacional, influenciando as decisões tomadas na década de 1970, principalmente, no que dizia respeito à educação técnica e profissional. O professor Cláudio de Moura Castro também se tornaria aquele que orientaria a pesquisa de mestrado de Gaudêncio, período em que iniciava a pesquisa que resultaria no livro “A produtividade da escola improdutiva”, do qual falava à plateia do INTERCRÍTICA 30 anos depois (FRIGOTTO, 2015). Ainda sobre os hibridismos institucionais e o tensionamento de forças conservadoras e revolucionárias, Gaudêncio contava ao público sobre a composição de organizações fundadas em pleno período de ditadura civil-militar e sobre a criação do Instituto de Estudos Avançados

em Educação (IESAE), em 1972, na Fundação Getúlio Vargas (FGV), assim como do curso de mestrado em Educação (1973), que contou com um corpo docente declaradamente social crítico contratado pelas mãos da pesquisadora Maria Julieta Costa Calazans, que, naquele tempo, havia retornado do exílio, na França. Gaudêncio dizia: “O caráter contraditório na constituição do IESAE situa-se no fato de que um sistema ditatorial detém a dominação, mas não a hegemonia” (FRIGOTTO, 2015, p. 210). E a FGV, por ser uma instituição de confiança do regime ditatorial, teve em seu quadro funcional diretivos do próprio regime militar, mas também pesquisadores como Anísio Teixeira. Ou seja, aquilo que parecia ser uma novidade no trabalho desta pesquisa, era muito mais uma experiência comum a quem trabalha, pesquisa e sente que é preciso estar dentro das instituições para habitá-las, rachá-las e desnaturalizá-las para inventar outros modos de expansão da vida. (ROLNIK, 2014; ROMAGNOLI, 2014).

Schwartz (2011) nos ajuda a pensar nas condições de possibilidades de quem se inventa como trabalhador e nos fala de pelo menos três impasses sobre isso que estamos entendendo como trabalho: nascimento, definição e divisão. Nesse caminho conceitual, Schwartz nos fala das impossibilidades de marcar no tempo o instante em que o trabalho teria surgido, já que desde que a humanidade existe, há um trabalho para viver; da impraticável simplificação de definição do que seria o trabalho em um único conceito, que está sempre além do que foi dito e prescrito pela organização. O autor ainda aponta as ilusões das tentativas de divisão do trabalho, pois há sempre algo que escapa e instabiliza as fronteiras protocoladas e prescritivas. Percurso conceitual vivido em impasses que nos ajudam a pensar sobre a invisibilidade do trabalho ou sua penumbra. “Crê-se, sem razão, saber de forma clara de que se fala quando, no entanto, todo ‘trabalho’ comporta uma parte invisível provisória, na espera de uma eventual elucidação, e uma parte irreduzivelmente enigmática”. (SCHWARTZ, 2011, p. 31).

Por mais prescrito que possa aparentar ser o trabalho, há sempre algo que surge como “furos das normas” (SCHWARTZ, 2011, p. 33), há sempre algo que a cientificidade dos processos de controle não consegue dar conta. Furos que abrem, para os sujeitos nas suas próprias condições de trabalhadoras e trabalhadores, possibilidades para invenção de outros modos de gerir e produzir a atividade. Furos que sustentam as condições de possibilidade para os gestos singulares daqueles que, como trabalhadoras e trabalhadores, também friccionam uma passagem para abertura de outros possíveis institucionais.

Nos questionamos sobre o que pode haver de educação no trabalho e de trabalho na educação, pois, pelo panorama social, parece haver uma segregação histórica dos lugares onde se dão as aprendizagens e os ofícios. Como se cada campo correspondesse à uma instituição, que, na maior parte das vezes, não se comunicam, ou ainda, não permitem que quem se propõe

a cruzar seus muros altos e lisos, de fato, o consiga. Como se na instituição educativa todo o trabalho envolvido na produção da aprendizagem e na engrenagem acadêmica, não fosse, também, um ofício. Da mesma forma, que a cognição inventiva do trabalhador que produz seu ofício singularmente, não compusesse o vasto campo das aprendizagens na educação.

Tomando essa separação entre trabalho e educação como um efeito dos modos como se engendraram a sociedade contemporânea, e a lógica de consumo que impera nos modos de subjetivação e institucionalização dos processos sociais, questionamos: como, nessa vida, um trabalhador pode habitar um campus universitário para educação quando as disciplinas-aulas são oferecidas em tempos concorrentes aos tempos de trabalho na organização? Quais são as condições de possibilidades para um trabalhador produzir cientificamente, a partir das suas experiências de trabalho, levando em consideração as exigências de uma produção qualificada em indexações e avaliações da comunidade científica?

O que sentimos é um profundo hiato na proposição de conexões desses territórios. No desenho panorâmico dos imperativos capitalísticos, alguns são preparados para a educação acadêmica e intelectual, enquanto muitos outros estão submetidos a uma educação que prepara para o fazer, para a operacionalização e manutenção de um mercado de trabalho moral e regido pela égide de controle. E quando um desvio acontece nessas relações e o trabalhador operário se metamorfoseia também em estudante universitário? Como dar passagem para aquilo que irrompe e segue com força uma linha de fuga do que até então não era programado como previsível?

2.4 Análise de Implicação: Um Exercício Ético de Si

Ainda bem que o que eu vou escrever já *deve* estar na certa de algum modo escrito em mim. Tenho é que me copiar com uma delicadeza de borboleta branca. (LISPECTOR, 1998, p. 20).

Aventurar-se por um campo de pesquisa, que há tempos se constituiu como um campo de trabalho, apresenta à quem pesquisa tanto a familiaridade com aquele território, quanto o engolfamento nos discursos e práticas instituídas, tentaculadas pelos poros que exalam o suor de quem trabalha e exercita a possibilidade de deslocar-se de si mesmo e dos seus já conhecidos lugares.

Numa pesquisa que se ensaia e inspira em possibilidades cartográficas, que resolve instalar-se em um paradigma ético-estético-político, que deseja ultrapassar a binarização dos modos de viver e produzir conhecimento, que entende que as teorias não transcendem as

realidades e que não há uma verdade a qual se deve perseguir (ROMAGNOLI, 2009), é importante que se tome o que René Lourau (1993) conceituou como “Análise de Implicação”. Aqui, a Análise de Implicação funciona como bússola da invenção de um caminho para pesquisar e orientar um percurso ético que começa a se engendrar. Um trabalhador atolado no seu cotidiano de trabalho está, obviamente, implicado com a sua experiência e, justamente por isso, pode ter dificuldades em colocar em análise seus modos de operar e tomar isso que abunda em cenas, narrativas, experiências e relações de poder como material de trabalho para pesquisa. Inclusive porque o processo de metamorfose do corpo-trabalhador em corpo-pesquisador, dada a situação do pesquisador que sustenta uma rotina de trabalho, precisa acontecer ao mesmo tempo em que a passagem para a universidade exige-lhe um distanciamento do seu campo de pesquisa, mas que segue sendo frequentado enquanto campo de trabalho. Para um pesquisador que precisa se sustentar financeiramente, pagar financiamentos e contribuir para a sustentação da família, a escolha pela dedicação exclusiva da formação como pesquisador, não tem sido uma possibilidade viável, assim como não é uma possibilidade viável ao professor da rede básica de ensino trabalhar apenas em uma escola ou em um único turno, nestas mesmas condições.

Assim, visibilizamos a primeira marca na relação entre trabalho e educação: ao trabalhador-estudante ou trabalhadora-estudante, não é concebido exclusividade apenas para as aprendizagens prescritas para um tornar-se pesquisador ou pesquisadora; muitas outras aprendizagens e processos de subjetivação seguem acontecendo nesse tempo de habitação da pós-graduação. Os tempos são os mesmos para operar ofícios e aprendizagens. Eis um marcador importante na trajetória acadêmica de quem trabalha e pesquisa⁸.

Uma trabalhadora ou um trabalhador que passa a desejar um percurso de pesquisa começa a problematizar os modos como estabelece as conexões com aquilo que diariamente lhe toma de assalto. Enfrentar dias e dias de exaustão com a pele-couro em permanente cicatrização, com o acúmulo do peso contínuo das paredes instituídas e a sensação de eterna dívida com um trabalho jamais concluído, faz pensar naquilo que Deleuze nos conta ser um regime de controle. (DELEUZE, 2013). Controle dos modos de operar a máquina, de ser subjetivado pelo trabalho, de respirar dentro da instituição. Controle da percepção das

⁸ Entendemos que essa condição está posta para vários dos que habitam a universidade, já que, dificilmente alguém para a vida para formar-se pesquisador. Sendo assim, esses que tem dedicação de tempo exclusiva ao percurso de pesquisa também estão desenvolvendo outras aprendizagens, mas nos cabe nessa pesquisa dar destaque ao habitar instituições paralelamente ao tempo em que um sujeito torna-se pesquisador e marcar a diferença de tempos e ritmos de alguém que se produz pesquisador ao mesmo tempo em que trabalha formalmente em outra instituição que não a universidade.

condições de possibilidades para uma vida outra como trabalhadora e trabalhador.

Dar-se conta de que habita um dentro instituído e encastelado por muros sem fim nem começo, parece ser uma primeira ideia de territorialização (ROLNIK, 2014) dessa experiência. Muros institucionais que se confundem com a pele de quem habita esse dentro como trabalhadora ou trabalhador. Pedras-poros como elementos de composição disso que faz borda aos corpos e os sustentam num existir. Mesmo cansados, os corpos escutam que é preciso estar dentro para intervir e transformar, daí que a experiência de trabalho é também vivida como produção de conhecimento institucional. Intervenção que pode levar tempo. É complicado introduzir os sapatos nos rolamentos da maquinaria: precisa tempo, sutileza nas relações e delicadeza na proposta de intervenção.

Só quando se mostra a possibilidade de intervir e se vê possível rachar o que, *a priori*, estava constituído, é que o trabalhador conhece o lugar que habita. Como habitante já antigo, há tempos percebe a sombra daqueles urubus que pairavam sobre o alto das construções muradas e percebe que eles vêm e vão. Mas vêm e vão de onde e para onde? Se não nasceram ali, vieram de quais paragens? Algumas penas planaram no ar até aterrissar em solo. Quem viu o movimento, guardou a pena como um amuleto de marcação de páginas para aqueles livros que ainda não haviam sido lidos, guardados no depósito da vida-firma. Costeando as beiradas que contornavam a instituição trabalho, percebeu que uma leve fenda deixava passar um fecho de luz em tom diferente daquela sombreada pelos muros erguidos. Uma fresta que deixava passar uma imagem, ainda ofuscada pela luz que violava os olhos daquela que trabalhava, territorializada num dentro, organizado há tempos com uma mesma lógica e ritmo de olhar. Um pequeno desvio no paredão de pedra que parecia enclausurar e sustentar o mesmo. Brecha que logo foi localizada pela manutenção da instituição e preenchida com mais cimento de ligação.

Outra vez, o muro era igual, um só de novo. Liso e eternamente igual no que a vista conseguia mirar. Corpo esgotado e atarefado, demandado a desenvolver-se continuamente, sempre em prejuízo com o tempo e perdendo o que, nem sabia, já havia passado. O trabalhador exaurido confundia o território de comer, laborar, dormir e amar. Seus muros eram tão parecidos que não pareciam mudar, sabia-se da troca de turno pela necessidade de registrar o ponto, mas não fazia diferença, a pilha de dívida jamais estancava e os estímulos só aumentavam. A demanda permanente para o desenvolvimento das competências de si e do trabalho com *workshops, benchmarkings, brainstorm, mentorings e coachings* suprimiam as possibilidades de “vacúolos de solidão e silêncio” (DELEUZE, 2013, p. 166), a partir dos quais seria possível inventar outras coisas, outros modos de (r)existir ao-no-com o trabalho. Preenchimentos de tempo que iam produzindo sufocamentos, cardiopatias, apatias. O tempo era tomado de frenesi

e o horizonte disponível, murado até os confins. Dias passavam mais depressa, até que um plano surgiu após o intervalo de um almoço operário: por que não mudar definitivamente para o trabalho e ir para casa apenas nos finais de semana? Pronto! Se resolvia o problema de cansaços e esgotamentos, não se perderia mais tempo com deslocamentos de idas e vindas. Moraria-se dentro! Acordar e dormir trabalhando. Quem sabe assim, se daria conta das pilhas muradas de demandas. Que delírio! Logo passou, delírio agudo que logo se transformou em pânico com a possibilidade de corporificação desse plano controle.

A asfixia persistiu. O ar seguia faltando. Tornar-se um empreendedor de si seguia sendo a meta. Vestir a camiseta e trabalhar como se fosse o patrão da reforma trabalhista. Aulas pelo computador, *slides* prontos, *podcasting* em série, era só baixar se quisessem ouvir mais tarde, quem sabe no deslocamento no ônibus ou depois do jantar em casa. Frigotto (2015) nos falava das demandas de formação do capital humano e destacava os movimentos hegemônicos de neutralização das lutas de classe através de concepções idealistas, empiristas e racionalistas que desproviavam o trabalhador da formação politizada e crítica, para aplainar territórios e apagar o movimento exploratório e alienante da mão de obra dos trabalhadores. Nestes tempos contemporâneos, o apagamento, também, da obra intelectual e da capacidade inventiva que, acreditavam, estava exaurida.

Daí que a força da vida fez transbordar. Mesmo aquilo que parece enquadrado e instituído, segue buscando passagem para os afetos (ROLNIK, 2014) e a única programação de educação continuada que não se fazia presente nessa interessante linha de produção das aprendizagens, era a leitura de literaturas. Trabalhador-leitor não era uma programação prevista no controle que mantinha o instituído. A imagem da obra “O impacto de um livro”, do artista mexicano Jorge Méndez Blake produzia um desvio na rota de trabalho daqueles que andavam com falta de ar.

Se antes desviavam os olhos, esquivavam o olhar, lançavam olhadelas raivosas ou se escondiam atrás de um cachecol, agora se mostram curiosos e questionadores. Mais do que seres reclusos em uma totalidade fechada, eles passaram a ficar atentos aos detalhes, e a se surpreenderem com eles. Um pouco como as crianças bem novas para quem, quando começam a andar, tudo é surpresa: param diante de uma moeda que brilha, um botão perdido, uma mancha de tinta na calçada – e se perguntam como aquilo foi parar ali (PETIT, 2010, p. 102).

Ler para trabalhar e buscar ar, na escrita não prescrita. Ler para perceber aquilo que era desvalorizado, despontencializado e invisibilizado. Disse Michèle Petit (2010, p. 98) que “a literatura é parte integrante da arte de habitar”; habitar a vida como obra de arte que se forja em territórios existenciais, na tentativa de produzir modos de existência e estilos outros de trabalho.

O encontro com a literatura e seus desdobramentos na produção de modos de subjetivação sensíveis e curiosos provoca quem trabalha em um campo a ser pesquisado e pode produzir uma composição de resistência com a pele-couro-experiência dum trabalhador que percebe possibilidades de passagem pelo muro. Discretas possibilidades para o fora, leves rasgos, pequenas brechas, discretos furos nos muros instituídos. Furos como aquilo que Deleuze (2013) chamou de intercessores, não importando mais onde começavam ou terminavam os muramentos da instituição, mas o que se passava entre eles, o lá fora. Importava acompanhar o que podia um furo para passagem na relação com um entre trabalho e educação, num tempo outro. Daí a lembrança daquilo que ele dizia sobre as forças repressivas: “não impedem as pessoas de se exprimir, ao contrário, elas as forçam a se exprimir”. (DELEUZE, 2013, p. 166). Com a caminhada no território de trabalho se produziu a visão da brecha, a invenção do furo, o desejo pelo fora, a possibilidade da produção de um entre, que tolerasse o não exprimir. E a atração pelos pequenos furos nos instituídos, passaram a compor os vacúolos de solidão e silêncio necessários à invenção de outros modos de subjetivar e dar passagem à suavidade de não ter nada a exprimir e a dizer. Seriam como um furo de solidão e silêncio, como condição de possibilidade inventada para que outros habitares se forjassem ainda nesse campo, mas também em outros, permitindo a movimentação pelos entres desconhecidos da educação e trabalho.

Vacúolos produzidos no tempo e na experiência do estudante-trabalhador compõem o que estamos nomeando de “furos”, que são movimentados como intercessores com um fora, um movimento para respirar e inventar (r)existências imbricadas entre ofícios e aprendizagens que se banham em forças do fora. “Há, então, um devir das forças que não se confunde com a histórias das formas, já que opera em outra dimensão. Um lado de fora mais longínquo que todo o mundo exterior e mesmo que toda forma de exterioridade, portanto, infinitamente mais próximo”. (DELEUZE, 1988, p. 93). A possibilidade de transitar por entre os furos, alimenta-se da companhia literária de textos não anunciados em cronogramas empreendedores do trabalho e acadêmicos da universidade. Pela companhia da literatura, desdobrou-se um jeito diferente de movimentar-se pelo trabalho-educação, fez-se invenção de vacúolos-furos que sustentassem um silêncio solitário para criação de outras brechas, fabulando outros furos para passagem dos afetos. Aliás, esses que fabulam, segundo Deleuze (2013), precisam ser pegos em flagrante delito de fabular para, nesse encontro, operar a composição de uma minoria. Uma minoria que trabalha, estuda e quer criar outros modos de pesquisa.

Essa implicação com uma vida de trabalho posta em análise, se articula com o desejo de criação de um percurso inventivo na pós-graduação, a partir do que insiste em transbordar pela

pele-muro de quem se constitui pesquisadora a partir de um lugar ocupado como estudante-trabalhadora no território universitário. Com Evaristo (2005), entendemos que a possibilidade de escrita a partir do que é experiência de quem trabalha e estuda, passa a situar, na universidade, um corpo que não é mais apenas descrito e relatado por aqueles que fazem visitas esporádicas ao campo pesquisado, mas situa um corpo que vibra e pulsa ao contar daquilo que com intensidade foi vivido. Este corpo cavouca nas paredes-peles, possibilidades de furos para pensar “quando há apenas meios e entremeios, quando as palavras e as coisas abrem-se ao meio sem nunca coincidirem, é para liberar forças que vêm do lado de fora e que só existem em estado de agitação, de mistura e de recombinação, de mutação”. (DELEUZE, 1988, p. 94).

2.5 Carta II

Porto desolador, julho de 2018.

De: Trabalhadora-Pesquisadora

Para: Estudante-Acadêmica

Olá Companheira,

Semana passada fui ao cinema assistir o “Processo”, com roteiro e direção da Maria Ramos. Foi péssimo olhar para 2016 e retomar todo o percurso político que fizemos. Um horror assistir a um documentário testemunhal desse presente tão golpeado. Quando a sessão enfim terminou de nos chocar com a caricatural estrutura oligárquica e colonialista de senhores brancos que nos governam até hoje, a plateia seguiu imóvel, não moveu um braço, não deu um suspiro. Ficamos todos sentados, atônitos olhando para a grande tela que acabava de nos mostrar a barbárie social na qual estamos afundados até agora. Depois de três infinitos minutos de silêncio e petrificação da plateia, conseguimos mexer os joelhos e caminhar em direção a saída, tomadas por uma sensação insuportável de vergonha. Vergonha disso que nos passa. Vergonha daquilo que Deleuze retoma no Primo Levi sobre a “Zona Cinza”: vergonha por ter havido homens que fizeram isso e por não ter podido ou sabido impedi-los. Quando puderes, assista! Tomei esse documentário como um diário aberto desses dias que passam em nós.

Estamos vivendo dias difíceis.

Lembra daquele desespero que vivíamos quando começávamos a ouvir as vinhetas dos programas dominicais na TV aberta? Lembra daquela agonia que sentíamos ao perceber que

a segunda-feira se aproximava e mais uma semana de trabalho se anunciava? Pois é, tem sido pior. Tenho encerrado semanas extenuantes e frenéticas de trabalho na sexta à noite, às vezes, no sábado à tarde, e voltado para casa apenas para entregar o meu corpo a qualquer coisa que minimamente me ajude a isolar as últimas experiências de trabalho daquilo que projeto ao entardecer das sextas-feiras como possibilidades de final de semana. Finais de semana sempre contabilizados com as enormes listas de todas as atividades que não pude fazer ao longo da semana e que se acumulam ao longo dos dias para sua realização nesses breves turnos em que me esforço de todas as formas para construir um tempo que signifique outra coisa que não trabalho, ao menos, que não no ritmo trabalho. Chego em casa nas sextas-feiras à noite, depois de cumprida as 10hs de labuta escrevendo, articulando, pensando, criando, desenvolvendo, escutando, encaminhando... e a única posição que me interessa nesse final de dia é a horizontalidade possibilitada pelo abraço do sofá. E lá fico.

Assisto séries e filmes, afinal é sexta-feira, dia da libertação. A novidade, estimada companheira acadêmica, é que esse modo de relação com o tempo tem se repetido durante as manhã, tardes e noites dos únicos dois dias que tenho para “descansar”. Somente semana passada percebi que estamos na metade do ano, dois anos depois do golpe desferido contra a Dilma e quase dois anos depois de iniciar meu percurso de pesquisadora acadêmica. Me dei conta, também, de que precisarei construir outros tempos e relações com o meu cansaço de trabalhadora para dar passagem à escrita da dissertação. Precisaréi retomar meu corpo de pesquisa para seguir e, inclusive, poder sustentar um trabalh(ar).

Um cansaço extenuante. As noites do final de expediente se confundem com as madrugadas do início dele. Pensar, escrever, relatar e escarafunchar nos discursos instituídos, por vezes, parecem ter tomado a dimensão da própria existência. Ritmo frenético, horários a cumprir, problemas a resolver, processos que precisam cumprir ciclos, demandas que não cessam e que têm como principal diretriz produzir a sensação do eterno trabalho inacabado. Saímos da firma ao término do expediente com as cabeças baixas, pescoços curvados como aqueles que Kafka vai narrando a partir das andanças do Senhor K no Castelo, lembra? Pensamentos acelerados, gestos hostis, caminhando-correndo em direção ao ônibus que já ameaça partir. Tenho tentado produzir modos demarcados que me ajudem a acreditar numa diferença de tempo e lugar, em que não lerei e-mails, não receberei pedidos por WhatsApp, não lerei procedimentos, regulamentos ou todos os possíveis documentos que precisamos para construí-los, tal qual, o Senhor K que segue buscando um castelo de trabalho. A saída dos últimos finais de semana tem sido constituir uma bolha de isolamento do mundo, inclusive, da nossa escrita acadêmica.

Lembra do meu primeiro ano de metamorfose como trabalhadora? Eram 11 horas de trabalho, mais 2 horas de deslocamentos para ida e volta. Foram longos meses de adaptação ao ritmo da equipe e compreensão do que era o trabalho para o qual havia sido contratada como empregada. Cabeça curvada indo e voltando. Voltando para casa apenas para dormir. Um sono pesado e recheado de pesadelos. Foi um ano sem ler nenhuma literatura, apenas as normativas para o cargo e para as demandas do emprego que tentava entender como se transformaria em trabalho. Ia para o divã e chorava. Foram rios de lágrimas pelas esquinas, nos transportes urbanos, na frente dos porteiros. Doía tudo! Uma dor expressa no corpo, que latejava no espírito de uma recém-formada profissional que queria dar o seu melhor num espaço ainda não compreendido e possivelmente enlouquecido (isso eu só percebi depois de muito tempo). Chorava dormindo ao pensar em tudo que não entendia e não conseguia fazer e chorava ao acordar por ter de voltar ao inóspito local de trabalho que ninguém havia dito na graduação que poderia também ser um local parecido com o quarto do Gregor Samsa, ou ainda, acompanhado de uma “equipe” como aquela da metamorfose. Passavam-se os dias e a dor daquelas maçãs enterradas no dorso só aumentavam. Escorria pus das inflamações que insistiam em não cicatrizar. Cortes profundos eram marcados no dia-a-dia do fazer psi operado por um corpo ainda não inaugurado no trabalho, sem a couraça necessária para as constantes (des)territorializações nas quais vive uma trabalhadora inserida numa equipe multiprofissional de trabalho, que pretendia educar adolescentes em situação extrema de vulnerabilidade social, numa grande empresa de educação. Era dolorido trabalhar. Era entristecedor falar sobre o trabalho. A única saída era dormir, comer e chorar. E assim passaram-se 365 dias de vários arremessos de maçãs das quais, às vezes, era possível desviar, mas nem tanto, algumas me acertaram e levaram tempos acopladas neste dorso que vos fala.

Foram oito meses para entender qual era o trabalho naquela equipe e um ano sem ler nenhum livro. Depois dos primeiros oito meses eu chorava porque precisava de água para irrigar a secura da pele. Sentia-me craquenta, a pele rachada não cicatrizava, a pele ficara fina e frágil a arranhões que agora não sei mais se eram apenas arranhões ou foiçadas destiladas com o intuito de ferir a pele que habitava. Meu corpo era um deserto, estava seco e as várias lágrimas que escorriam não davam conta de aguá-lo. Perecia. Era um corpo constituído de torrões de terra. Era fácil virar pó. Dormia em pé no ônibus e chorava no divã. Foi preciso que um analista dissesse: “Leia no ônibus!”. Como ler? “Não consigo, vou vomitar! Vomitei em ônibus a vida toda antes de trabalhar”. “Tente. Parece que esse é o tempo que resta”. Comecei tentando pela Literatura. Literatura daquela terra. Literatura que dissesse outras coisas daquele trabalho. Caiu em minhas mãos um livro do Gabo: “Memórias de minhas

putas tristes” e um outro tipo de hidratação aprendi.

Tenho pensado nesse bloqueio que não tem permitido minha escrita. Sinto como se uma camisa de força psicológica me impedisse de tocar o teclado. Semanas se passaram desde a nossa última carta, mas agora, aqui, tomando um chá de funcho, penso naquele café que sorvemos na cantina da universidade e nos comentários do nosso inglório colega: “Puxa vida, tenho pena de ti!”, quando contei das dificuldades com a organização do tempo para seguir escrevendo e trabalhando. Pena de quem trabalha e estuda!? De fato, não é a experiência mais fluida da qual temos notícia, mas pena? Acho que fiquei impactada com essa expressão, pois ela tem me perseguido. Alguém tem pena de mim porque eu trabalho? Pode isso, pesquisadora? E para finalizar, ainda sinto aquele tapinha nas costas amistoso como uma maçã acadêmica arremessada de quilômetros, mas calculada milimetricamente em seu movimento retilíneo uniforme para ser cravejada nas costas daquela pobre infeliz trabalhadora que não terá “dedicação exclusiva” para escrever um “bom” texto acadêmico. Pode isso acadêmica companheira? Que barbaridade! Enquanto sinto as limitações que bloqueiam as tessituras escritas, questiono, afinal, o que pode um trabalhador escrever na academia?

Vamos combinar outros cafés por aí, de preferência em locais que vendam maçãs no formato de strudel e não como instrumentos de artilharia para acadêmicos institucionalizados.

Abraços, Falamos na sequência.

3 ENSAIAR UM ESTILO ENTRE NARRAR E PESQUISAR

Quando meus pés
 abrandarem na marcha,
 por favor, não me forcem.
 Caminhar para quê?
 Deixem-me quedar,
 deixem-me quieta,
 na aparente inércia.
 Nem todo viandante
 anda estradas,
 há mundos submersos,
 que só o silêncio
 da poesia penetra.

Conceição Evaristo (2017)

3.1 Pode Um/A Trabalhador/A Ser Escritor/A?

Pode uma trabalhadora ou um trabalhador escrever na universidade? Certamente pode! Escreve sobre a entrega e devolução das chaves na recepção. Escreve sobre os litros de sabonete e detergente gastos no dia de limpeza com o departamento. Escreve os e-mails de divulgação das informações do programa de pós-graduação. Escreve os relatórios administrativos e contábeis que sustentam burocraticamente a universidade. Escreve sobre os cafezinhos vendidos no fiado, na cantina. Escreve sobre a mudança de turno e os avisos que ainda precisam ser encaminhados ao professor doutor. Escreve sobre a medição feita no marco da porta para licitação de reforma, e faz o encaminhamento no canto inferior do formulário, apontando que precisarão trocar a fechadura. Escreve as palavras cruzadas no caderno de entretenimento do jornal. Escreve textos na rede social falando dos cortes no repasse das verbas federais e no atraso dos salários dos terceirizados. Escreve cartazes convocando à greve geral.

O que sabemos é que a palavra é um poder e que, entre a corporação e a classe social, um grupo de homens se define razoavelmente bem pelo seguinte: ele detém, em diversos graus, a linguagem da nação. (BARTHES, 1970, p. 31).

Barthes (1970) nos lembra que, durante toda a era capitalista clássica, os únicos que detinham o poder da palavra eram os escritores (pelo menos na França), numa espécie de monopólio da linguagem. Porém, desde a Revolução Francesa, outros também começaram a fazer uso comum da palavra, mas de maneiras diferentes daquelas tradicionalmente trabalhadas pelo escritor; função entendida, por vezes, quase como um sacerdócio assalariado. Barthes, então, apresenta as diferenças entre um escritor e um escrevente. O escrevente seria aquele que

pronunciaria um fim para o qual a palavra seria apenas um meio e usaria dos verbos ensinar, explicar e testemunhar para trabalhar a palavra. Sendo um ofício ingênuo, não conseguiria admitir que essa escrita poderia voltar-se sobre si mesma, podendo inclusive, ser interpretada para além do que o escrevente tenta dizer com as palavras inicialmente propostas. Se o escrevente escolhe escrever de forma transitiva, o escritor, por sua vez, sabe que sua palavra se coloca sempre de modo intransitivo, já que nasce com as suas palavras, também, a ambiguidade em que sempre é possível indagar e dificilmente propagar uma resolatividade para as questões que o mundo lhe apresenta. O escrevente, por ser livre, apressado e insistente, apresenta respostas para a sociedade dogmaticamente, enquanto o escritor se alonga na elaboração do pensamento e se demora interrogando o que está a produzir. O escritor vai artesanalmente operando o ofício da escrita, enquanto que o escrevente, tomado pelas demandas do mundo e crente de que tem o poder de resolvê-las, usa da escrita para pontuar respostas e dizer o que pensa.

O escrevente opina e a/o trabalhador/a, sabendo disso, questiona se pode, ele/a também, operar como escritor/a, pois, como escrevente, já reconhece que atua. Escreve relatórios, emite pareceres, faz a ata da reunião, emite nota técnica sobre determinado assunto que lhe é demandado, usa das palavras continuamente, mas como alguém que busca as respostas para as questões de trabalho que precisam ser elucidadas por um/a trabalhador/a que estuda. Um/a trabalhador/a que se forja também como estudante no campo da pesquisa, indaga se teria condições para sustentar as constantes passagens pelos furos esburacados dos muros instituídos. Isto porque, enquanto transita pelos *entres* e(m)old(ur)ad(o)s da universidade, vai percebendo que boa parte das pistas indicam a necessidade de marcação do caminho e espraçamento dos territórios por rascunhos, pedaços de palavras e quilhas com assinaturas que possam abrir brechas no desconhecido com marcas e gestos singulares.

Seguindo a leitura metamorfoseada de Gregor Samsa (KAFKA, 2001), este/esta trabalhador/a-estudante descobre que não consegue mais se reconhecer como isto ou aquilo, lá ou acolá. Angustia-se mais como trabalhador/a-estudante, pois, ao caminhar no fora das instituições, percebe que já não se interessa apenas pela palavra demandada nas metas do trabalho e entende, também, que não é o primeiro que trabalha e estuda, ao acessar a universidade. Muitas das companheiras e dos companheiros que lá estão, já são escreventes da sua rotina e modos de apresentar suas indagações universitárias. Então, como impregnado pelo modo escrevente, acostumado a encaminhar respostas, pode um/a estudante-trabalhador/a produzir outros gestos de escrita na pós-graduação?

3.2 Narrativas Ensaçadas Por Fragmentos e Uma Literatura Menor

Academicamente, talvez, a trabalhadora e o trabalhador possam escrever sobre aquilo que lhes exige uma posição ética-política, aquilo que lhe acontece como experiência (LARROSA, 2011). Ao trabalhador e à trabalhadora que podem habitar o território universitário, parece ser possível que contem suas experiências como narrativas que dão passagem a outros modos de produção da escrita na instituição do conhecimento acadêmico. Encarnar a narração a partir das possibilidades elencadas por Benjamim (1994) pode ser um modo interessante para a composição de um modo de escrita localizada no saber do trabalho, narrada por aqueles que levam para a universidade e, em especial, para as linhas de pesquisas da pós-graduação, a sujeira dos ombros empoeirados pelas experiências de um dia de arado num território para existir, da imundícia que compõe a pele de quem se atola em pilhas de demandas viscerais e o característico cheiro das feridas sempre purulentas dum labor que busca se elaborar nos corredores ainda neutralizantes da produção científica de laboratórios e gabinetes universitários.

Escrever para poder voltar do caos que é estar no *não lugar*, num tempo não instituído, numa passagem caótica em que se atravessam fluxos e intensidades borradas e enigmáticas. Escrever o que ainda não permite um entendimento do que pode acontecer no percurso daqueles que se arriscam no *fora* (ZANELLA, 2012), no *entre*, no meio-fio da calçada imunda e agitada da cidade movimentada. Arriscar-se ao *fora* institucional para inundar folhas de papel e criar outros modos de (r)existência que permitam seguir habitando esses mesmos e outros lugares.

Habitar um *entre* que se forja no caminho entre educação e trabalho e vice-versa. Habitar uma paradoxal paisagem daquilo que se produz emaranhadamente, mas que nessa experiência existe quase sempre separado pelos tensionamentos das forças que insistem em manter ou conservar esta separação. Do educar ao trabalhar, criou-se uma demanda de pesquisa, uma necessidade de escrita que lê linhas intercessoras, mas também dilatadoras, que se rompem para, depois, articularem-se novamente num tempo de passagem. Escrever um experimentar desamparado, que se propõe sair das instituições habitáveis e relacionar o que há no encontro desses campos cientificamente moldados, murados e emoldurados, ditos especializados em produzir educação ou trabalho. O que se quer é ultrapassar os limites instituídos e criar um tempo que possa ser habitado com composições de um experimentar como ofício e invenção. (LAZZAROTTO, 2012). Larrosa (2011), em certa feita, disse que “A experiência é isso que me passa” (LARROSA, 2011, p. 06), como movimento de ir e voltar, experiência como passagem, percurso, que ao atravessar o sujeito deixa marcas, feridas, vestígios “ou, dito de outra maneira,

a experiência não se faz, mas se padece”. (LARROSA, 2011, p. 08). Experimentar a criação de um território para existir é poder fazer algo com aquilo que nos inquieta, atormenta e persegue. Experimentar, assim, pretende ser problematizar aquilo que se movimenta (LAZZAROTTO, 2012) na produção da relação entre trabalho e educação, num percurso inventivo de composição e vibração da travessia.

Pesquisar por entre os deslocamentos da educação-trabalho busca seguir inventando caminhos num percurso que se aventura ao *fora* das instituições, entre seus muros e em relação com aquilo que sobra pelos vincos da cidade. O estudante-trabalhador e a estudante-trabalhadora que também pretendem ser pesquisador e pesquisadora podem ser aqueles que desenvolvem a faculdade de intercambiar experiências, que transmutam aquilo tudo que lhes acompanha na pele em soluções cicatrizantes, e que desde a escrita, também podem se produzir em vibrações conceituais. Uma pesquisadora-trabalhadora e um pesquisador-trabalhador podem, então, produzir na universidade coletivos de narratividades com aquilo que lhes passa enquanto trabalhadores. Trabalhadores-estudantes-pesquisadores e trabalhadoras-estudantes-pesquisadoras anseiam levar para a universidade narrativas de si e do ofício que operam com o desejo de transformar o que faz vibrar seus corpos em possibilidades de letras. Elas e eles declaram a necessidade de poder participar daquilo que se produz como conhecimento encarnado e da construção de condições de possibilidades que ancorem esses problemas e questões de pesquisa em uma rede que permita a passagem de outros modos de conceituar e contar da vida. Modos que tolerem as marcas de uma condição de trabalhadora e de trabalhador que pesquisa.

Walter Benjamin, o filósofo que não foi aceito academicamente no seu tempo de produção intelectual e tampouco pode se sustentar financeiramente com seus conceitos (KLINGER, 2014), tratou das ameaças que submetem e aterrorizam a experiência e apresentou alguns dos indícios desta perspectiva, enfatizando o surgimento do romance essencialmente vinculado ao livro e a sua institucionalização como história, já que, após impressa em páginas, a história narrada passa a ter um fim em si. Os limites da escrita e das bordas das páginas são limitadores para aquilo que poderia seguir sendo fabulados na oralidade de rodas de conversas, mas que, ao serem impressas nas páginas do romance, passam a ser institucionalizadas nos limites de um livro. O autor também alerta para o entendimento da informação como comunicação predominantemente desenvolvida a partir da ascensão da burguesia. Comunicação que está atrelada à aceleração do tempo e à divulgação frenética e globalizada do que acontece, não importando se perto ou longe dos que leem a imprensa. A informação não tem interesse na relação do que é dito, com aquilo que é vivido, importando-se apenas com sua

imediate verificação, que não tem força para durar. Assim, dedica-se a explicar-se em si mesma, tal como a escrita produzida pelo escrevente. Por ser volátil, não produz memória, não faz marca, não contribui com a história, não se habilita em narrativa possível de ser transmitida ao outro. (BENJAMIN, 1994). Informação e institucionalização da narrativa que podem, segundo o filósofo, produzir modos de escrever fragilizados e condensados numa mesma perspectiva: num estado torpor de perceber o que nos passa, encastelados pela fabricação contínua de informações de todos e de ninguém. Deste modo, corre-se o risco de pasteurizar e hegemonizar os breves vacilos, distrações e devaneios que se pode ter ao caminhar. Perde-se o detalhe do que pode fazer um corpo vibrar e quem sabe desviar da escrita hegemônica que não reconhece, no detalhe, uma possibilidade de fragmento para outras saídas.

A estudante-trabalhadora e o estudante-trabalhador parece ser quem se interessa pelos trânsitos vividos nos *entres* institucionais, que se toma de agitação pelas relações com as fissuras da cidade, que se agacha para acompanhar aquilo que mais ninguém quer (vi)ver, que se ocupa do cotidiano da rua como laboratório de experimentações miúdas, quem percebe e se interessa por outros gestos possíveis para narrativas dessas pequenezas que, como propôs Adorno (2003), podem assumir a forma de ensaios. Afinal, esse estilo não admite prescrições e “em vez de alcançar algo cientificamente ou criar artisticamente alguma coisa, seus esforços ainda espelham a disponibilidade de quem, como uma criança, não tem vergonha de se entusiasmar com o que os outros já fizeram”. (ADORNO, 2003, p. 16).

O ensaio não se preocupa com as origens, mas com os percursos e percalços, “diz o que a respeito lhe ocorre e termina onde sente ter chegado ao fim, não onde nada mais resta a dizer: ocupa, desse modo, um lugar entre os despropósitos”. (ADORNO, 2003, p. 17). A despreocupação com a objetividade cientificamente plasmada na universidade anima aquele que, andarilho de ruelas e sujo com os furos esburacados da cidade, vive como entusiasta as questões sobre os pormenores do que acontece pelas passagens dos *entre* muros que encastelam.

Percorre os caminhos da cidade compondo um território tramado por entre retalhos e fragmentos daquilo que passa rápido, que deixa cheiro, que abana o corpo em movimento. Olha as ruas como se fossem páginas escritas de Tamara. Sente o andar como estivesse nos confins dos dois desertos de Despina. Descobre em Olívia que não se deve confundir uma cidade com os discursos que tentam descreve-la e que muitas delas, tal como Fílida, evitam ser olhadas, a menos que tomadas de surpresa. (CALVINO, 1991).

Retalhar com surpresas a prática positivista da qual lhe contaram ser necessário imbuir-se na universidade, passou a ser um jeito de também penetrar pelos furos daquelas e(m)old(ur)ament(o)s acadêmicos. Estudantes lá dentro corriam escadas e pintavam paredes.

De repente, muros também poderiam ser a sustentação para imensas obras criadas. Cores misturadas ao silêncio sentenciador. Estudantes-trabalhadores reuniam-se na cantina para chorar as dores da sala de aula. A movimentação de pessoal se acelerou lá dentro. Estudantes corriam, choravam, deprimiam. Corredores frios e empobrecidos de energia. No cair da noite acabava a luz. Olheiras. Pilhas e pilhas de papel. Professores cansados faziam monólogos. Estudantes saturados padeciam. Uns calavam, enquanto outros gritavam. Alguém queria entender o que a palavra escrita em giz podia dizer das cotas. Olheiras, gastrite, sinusite. Produção incessante de trabalhos entregues em papéis límpidos e intocáveis. Créditos creditados na pele que respondia em feridas. Outras feridas. Fissuras nas peles que também sofriam de institucionalização. Umidade e abafamento. Condições limite para quais aprendizagens? Paixões tristes se sustentam em condições de afetação precarizadas. Sujeitos⁹ alimentando a engrenagem acadêmica. Teoria *Lattes*. Terror diurno junto da semana científica. Inebriado pela atmosfera lá fora, precisou laborar as últimas imagens em uma sala esvaziada. Estudantes saem do semestre em licença maternidade e olhares conservadores fuzilam suas barrigas. Alguns vagam. Outros saem e não voltam. Outros ficam enclausurados e começam a acreditar que é possível apartar um conceito da vida. Uma farmácia faz divisa com o portão que leva à avenida.

Vazou muros por fissuras, atolou imundícias em percursos e criou brechas no que acreditava instituído. Andou pela cidade, atravessou instituições, passou por entre trabalho e educação e deu-se conta de que os muros que instituem podem anunciar objetivos de vida diferentes, mas maquinam internamente modos de subjetivação relativamente semelhantes. Descobria, então, que o modo de produção capitalístico já posto na firma, era a inspiração para a correria das escadas e atualização dos *Lattes* na academia da pós-graduação. Não dormiam lá também. Terrors noturnos e diurnos faziam parte das aprendizagens. Sensação de incapacidade e impotência contínua. Mas não eram essas as paredes que zelavam pela produção do conhecimento e que eram quase um Eldorado para quem queria elaborar suas experiências? Trabalho e educação, instituições diferentes, mas intimamente semelhantes. A pós-graduação também demandava a(r)trevimentos e dedilhadas no cimento endurecido que provocassem fissuras, para de novo bricolhar um andar (des)territorializado (ROLNIK, 2014) pelos entres.

⁹ “Quando dizemos que os mecanismos de objetivação e subjetivação produzem o indivíduo moderno, pode-se afirmar que o termo sujeito serve para designar o indivíduo preso a uma identidade que reconhece enquanto sua” (PEZ, 2008, p. 01). [...] “o homem é apenas uma figura do saber contemporâneo. É, antes de tudo, objeto de poderes, ciências e instituições. Com tal modo de pensar, Foucault, não só desestabiliza o sujeito em geral, mas também força os pilares centrais das três maiores visões filosóficas contemporâneas: a classe trabalhadora (marxismo); a consciência da fenomenologia e a ciência tal aprendemos pelo positivismo”. (PEZ, 2008, p. 03).

Em tempos de *design* psicológico e gestão neoliberal da produção do conhecimento, assanhadamente articulados aos princípios da universidade pública (COSTA, 2017), quando perigosas parcerias são feitas entre a produção do conhecimento e os modos de vida, onde objetos de pesquisa são prescritos pela lógica empirista e mercadológica, torna-se desviante pensar um estilo de pesquisa que se componha ao modo de narratividades. Quando Benjamin (1994) fala dos gestos singulares do artesão na realização do seu ofício e propõe que a narrativa seja uma forma de comunicação artesanal, não está interessado em contar exatamente a coisa em si ou falar de um relatório do acontecido, mas “mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso”. (BENJAMIN, 1994, p. 205). Artesanias de um ofício que se tece com linhas aprendidas e vividas não se sabe mais se sozinho ou acompanhado, se na firma, na universidade ou no roubo das palavras da senhora que sentada no banco ao lado do ônibus, contava aquela cena de escola para a companheira que a esperava. Ou, ainda, se colhida na expressão daquele que trabalhando agachado, junto à sua loja de rua, anunciava seu modo de viver encostado em muros que, furados, podiam falar em arte e modos de (r)existir... Ou ainda com Costa (2017), quando se trama a produção de diferença para uma política do texto escrita “em gestos políticos que envolvam um tratamento atencioso à linguagem e às experiências de afetabilidade junto aos outros” (COSTA, 2017, p. 26) num percurso que se escreve pelas margens.

3.3 Carta III

Porto Movent(r)e, março de 2018.

De: Estudante-Trabalhadora

Para: Trabalhadora-Estudante

Olá Colega! Como estás? Como tem passado os últimos dias?

Eu sigo na luta. Naquela luta que deixou de ser queixosa, mas que ainda carrega em si muitas dores e cansaços. Os dias tem sido assim: exaustivos. Com o horário de inverno regressando aos nossos tempos, tenho saído de casa no escuro e retornado na escuridão. Às vezes, um poste de luz ilumina, mas os da minha rua estão com as lâmpadas queimadas. O “prefake” da cidade não tem feito um bom trabalho na administração do que nos é público, se por onde caminhamos encontramos buracos em que podemos plantar arbustos, imagina o que

sobra para aquilo que está acima das nossas cabeças?!

Hoje pela manhã, retomei uma discussão-análise muito cara para os nossos percursos. Lembra dos castelos? Daqueles que te falei na última carta? Pois é, sigo loqueando nessa ficção. Uma amiga me escutava falar dos perrengues do trabalho, da ansiedade pela ausência de escrita, pelo buraco no estômago com a tomada de assalto dos nossos direitos, dos problemas com um contexto sociopolítico que, cada vez mais, nos violenta, com a angústia pelo fim de tantas coisas, mas também, pelo fim de um percurso de formação que chamaremos aqui de mestrado e ao meu escutar, olhar para cima e para os lados, parecendo traçar no ar uma rota de saídas me falou: “o estudante trabalhador é um pesquisador nômade! Ele não é um pesquisador arborescido, esse termo vocês usam lá no PPG de vocês, né? O pesquisador nômade, esse que encarna o trabalho e a educação ao mesmo tempo pode ativar nesses castelos as possibilidades de deslocamentos dos discursos instituídos”. Fiquei de boca aberta! Não disse “Eureka”, mas dei um grito de parto. Nasceu alguma coisa ali.

Tomávamos café para nos despedir. Ela voltava para a Bahia e eu me despedia de um passado. Conteí a ela sobre as encrencas laborais que brotam a todo e qualquer instante, que nos perseguem por telefone, por e-mail, pelas redes sociais e claro, pelas inesgotáveis malditas reuniões. Lembramos dos nossos percursos formativos e das escolhas que fizemos até chegar a esse encontro e nos questionamos: “Por quê mesmo escolhemos percorrer um mestrado?”. Que perguntinha sacana! Desde o início, escutamos que é preciso fazer análise de implicação (e haja análise, não só de implicação, diga-se de passagem). Retomamos juntas as descobertas que cada uma ia fazendo e compartilhando ao longo desses últimos meses. Sabe gozo pela fala? Era por aí. Narrar um percurso pode fazer um olho brilhar, seja por lágrimas nostálgicas, seja por admiração. Foi bom retomar e contar da caminhada uma da outra, lembramos dos motivos que nos fizeram escolher e inventar esses caminhos. Antes dessa dobrada na esquina, sonhávamos com um lugar em que fosse possível falar da experiência, um lugar em que pudessemos narrar os acontecimentos nas suas molecularidades do dia-a-dia de trabalho, imaginávamos um lugar em que fosse possível dar sentido para tudo aquilo que nos passava e nos tomava com tremores corporais, atropeladas pelas agendas lotadas, pelos ensurdecidores telefonemas, pelas cansativas discussões sem encaminhamentos das quatrocentas e cinquenta sete reuniões semanais. Lembramos que o desejo de formação de si pelo mestrado se dava na expectativa de finalmente encontrar um lugar de escuta, amparo e elaboração daquilo que aprendíamos no solavanco da caminhada exaustiva do trabalho (outro dia te conto da reforma moderníssima dos nossos direitos trabalhistas e dos efeitos que já encontramos pelos caminhos, só te adianto que quase perdemos o plano de saúde em fevereiro e não tivemos direito ao

feriado de Carnaval. Sambar para quê? Não é mesmo?! Não sambem, trabalhem!).

Lembramos, analisamos e percebemos que não foi bem isso que se sucedeu. Em especial, porque ainda nos amparávamos numa perspectiva dicotômica entre o trabalho e a educação, entre lá e cá, achando que em algum lugar as coisas seriam organizadas e encaminhadas idealmente. Sorvemos outros goles de café, agora quase gelado, para lembrar das mutações estilo Gregor Samsa. Se há anos foi preciso que inventássemos um corpo de trabalhador para habitar as instituições e seus discursos gerencialistas-assistenciais-tutelares propondo um jogo de cintura na proposição de uma construção ética do trabalho psi, hoje nos damos conta que também foi necessário metamorfosear nossos corpos de trabalhadoras em corpos de pesquisadoras. Se no passado saíamos da universidade ansiosas pelo primeiro emprego que precisava ser transformado em trabalho e metamorfoseávamos de estudante para trabalhadora, agora percebemos que somos humanos e insetos ao mesmo tempo. Ao mesmo tempo e não necessariamente em lugares distintos, como na graduação nos ensinaram. É tudo ao mesmo tempo e de todas as formas. Foi aí que ela me olhou e disse: “...esse tipo de pesquisador não cria raiz; inventa outros usos para as pernas cavoucando percursos e muitos percalços para habitar os castelos daqui e de lá, da pós-graduação e do trabalho. É por isso que é nômade. É forjado em andanças, nem tanto aqui, nem tanto lá, é por aí, no que é possível forjar entre”.

Tô lembrando das baratas que passam raspando nos nossos pés quando já é quase noite no centro da cidade e o movimento dos grandes pés e rodas diminui. É sempre movimentado andar pelas calçadas, só depende da perspectiva de quem olha.

Andei escrevendo umas coisas sobre a relação entre um castelo e outro. Mas não tá maduro ainda. Logo que mais palavras surgirem, te escrevo.

Ps.: Como ficou o acordo sindical na reunião de vocês? Por lá, ainda estamos esperando o retorno do acordo desse ano. Acredita que não pude ir na reunião porque nos avisaram duas horas antes do início?

Até breve, Pesquisadora- Estudante-Trabalhadora-Nômade

3.4 Percursos e Percalços de Um Pesquisar Nômade

As portas dos comércios ainda estão fechadas¹⁰. Ao lado do terminal um papelão-casa

¹⁰ Fragmentos dos diários de uma das pesquisadoras.

e uma mulher com restos de mamão, ainda intacto pelas moscas. O ônibus parte lotado de trabalhadores que também estudantes leem com o nascer do sol. Alguém pergunta se o Júnior andaria num veículo como aquele. Uma manifestação sindical no portão da firma faz um corpo passar de lado por um acesso secundário da empresa. Uma trabalhadora vestida com manto vermelho recebe o aceno do porteiro. Uma equipe preocupada com as condições de possibilidades do brincar de seus estudantes questiona o que poderá acontecer se eles correrem, caírem e quebrarem as pernas. Uma equipe produz modos de trabalho que escapam do medo de errar normatizado e instituído, disparam brincadeiras numa lona de caminhão quilométrica com sabão, água e sol. Uma família pede para sair da escola. Medo das demissões em massa. Rádio corredor da firma. Sobreimplicações. Fica difícil escrever, pensar, pesquisar. Reuniões administrativas, pedagógicas, formativas, intensivas, propositivas, cansativas, infinitas. Formar educadores e estar mestrando. Percorrer um território produzido entre a universidade pública e o trabalho psi numa grande empresa. Discussões de textos localizados na escrita feminina falados majoritariamente por homens. Na pós-graduação a desesperança contamina a pesquisa com o anúncio dos cortes nas bolsas. Na parada de ônibus metade de uma cartolina avisa que ali é zona de assalto. Um jovem negro com uma caixa de engraxate observa pela vidraça os clientes do restaurante devorarem xis e fritas. Chegaram mais vizinhos moradores da rua. Falam da diferença na universidade produzida pelos cotistas. Programas educativos para jovens são extintos, dois deles na firma. Adolescentes mandam mensagens pedindo indicação de emprego ou oportunidade de fazer faxina na casa das educadoras. Pela janela da sala do trabalho, observa-se um corpo estendido, rodeado pela comunidade e policiais. Era dia de greve geral e a firma estava a favor das reformas questionadas pelos trabalhadores, mas também era dia de compensar banco de horas. No facebook uma imagem: dedos acadêmicos pregados em páginas assépticas que esperavam ser escritas enquanto o vermelho sangue escorria pelos buracos produzidos nas batidas do martelo. As portas dos comércios já se fecharam. Acabou o tempo outra vez.

...

Disso emana a vontade de dar forma, em letra, para as paisagens e personagens que na relação com um *entre* muros afetam um corpo-curioso-inquietado de pesquisa. Interessa a essas que atravessam muros instituídos, a relação com um *popular*, com a sujeira das calçadas e com a poeira dos pés, com os menores que produzem comum. Deleuze e Guattari (2015) quando falam da literatura menor escavada por Kafka, a apresentam com três atributos: primeiro, a língua que se usa na composição de uma literatura menor é sempre produzida por uma desterritorialização; em segundo lugar, tudo nessas literaturas é político; e, por fim, tomam tudo

como coletivo. É da contaminação agenciada dessas características que se toma a literatura menor como revolucionária, que se toma com vontade de escuta e afetação aquilo que antes era renegado aos planos secundários das cenas protagonizadas por sujeitos exclusivos de determinadas instituições. Aquilo que, para as grandes literaturas, é jogado na sarjeta como descartável, por ser resto e coisa miúda, toma nessa perspectiva de pesquisa a dimensão do devir minoritário, invocando a potência daquilo que é posto à margem da cena central.

Talvez sejam esses alguns dos efeitos que eclodem do encontro com uma escrita que torna visível as questões menores que metamorfoseiam o corpo de um Gregor Samsa (KAFKA, 2001), mas também, de quem pesquisa um território que precisa ser inventado, bricolado e tensionado em suas forças para a relação com uma forma outra de escrita. Forma que, às vezes, arde, zuni e demanda equilibrar-se sobre duas fileiras de pernas para deslocar-se num espaço próprio que já não é familiar. Andando nesse *fora* institucional, produzido no *entre* territórios da educação e do trabalho, encontra-se um caos que intensifica fragmentos. Caos que exige um corpo que se produza pela escrita do que lhe afeta nas andanças, por um território existencial.

Escrita que só se sustenta pela composição de fragmentos da experiência de quem pesquisa ao estilo nômade. Intensidades eclodem e constroem um corpo de passagem. *Dentro* do instituído, é o furo que intercede pelo ar e pelas possibilidades moventes no *fora*, o que exige a invenção de um território para a sustentação de um corpo que pesquisa. *Fora* que insiste permanentemente em apresentar outras e outras possibilidades de existir, tantas que é necessário anotar com brevidade algumas das passagens num caderno de andanças e logo buscar pela sinuosidade daquilo que pode contornar uma experiência dos *entres* em passagens.

Do que viu, do que escutou, o escritor regressa com os olhos vermelhos, os tímpanos furados. Qual a saúde que seria suficiente para libertar a vida em todo o lado onde ela está presa, pelo homem e no homem? É a pequena saúde de Espinosa, enquanto dura, sendo até ao fim testemunha de uma nova visão, que se abre à sua passagem. (DELEUZE, 1997, p. 15).

Visão do miúdo, do que resta pelo facho visibilizado, rastreado em pedaços, narrado em fragmentos. (BARTHES, 2013). Se Sherazade ameaçada de morte pelo sultão precisava contar noite após noite uma história que o distraísse e a ajudasse a se refugiar em outros lugares que não aquele que convocava a morte, para a trabalhadora-estudante e o trabalhador-estudante, o exercício não parece ser muito diferente. Exercício intenso e diário da arte de ficcionar¹¹. Com

¹¹ “Ficcionar é recordar o caráter excedente desmedido, do inútil, do extravagante, do estético. A ficção efetiva-se como estratégia anticapitalista para as ciências, na medida em que incita encontros, associações, consórcios para a construção de espaços-tempo, de práticas experimentais, de ocupações nas quais o sentido da utilidade ou do pragmatismo não se coloquem acima da experiência sensorial, estética ou artística”. (LAGES, 2014, p. 588).

o suspiro da morte rondando o seu pescoço noite após noite, Sherazade arditamente, ou ainda, estrategicamente, precisava sustentar a invenção de um modo de viver que marcasse o tempo em espaços e possibilidades para outro dia amanhecer. Contava ao sultão histórias sobre as vidas que conhecia, histórias populares, vividas em suas pequenezas, mas que ao serem narradas encontravam-se com outras forças que já não eram somente aquelas as quais a narradora podia dar conta.

Roland Barthes, filósofo, semiólogo e professor que conseguiu provocar rachaduras nos discursos conservadores da comunidade acadêmica francesa, criando textos como “Crítica e Verdade” foi, antes de tudo, um trabalhador da leitura. Barthes ao curar-se da tuberculose da qual sofria em hospitais da época chamados sanatórios, foi contratado pela Universidade de Alexandria, no Egito, para ser um trabalhador-leitor. (DICK, 2009). Encontrar num intelectual da envergadura de Barthes um currículo que também atravessa trabalho e educação é uma pista interessante para a tensão desse texto, pois, passamos a perceber que um trabalhador só consegue escrever se puder se sustentar com a leitura, com a literatura. Ler para umedecer a terra e germinar saúde para que outras linhas de fuga sejam criadas. Ler literaturas para escapar dos amarres instituídos e para a invenção de outros modos de r(existência) nas instituições habitadas. Diferente de um acadêmico arborescido que está autorizado a falar por si como intelectual, que carrega a palavra como um dom, o trabalhador só consegue contar do que vive na academia se escrever com leituras acompanhadas de outros que parecidos com ele, percorrem caminhos fabulados.

Tudo isso para que Marco Polo pudesse explicar ou imaginar explicar ou ser imaginado explicando ou finalmente conseguir explicar a si mesmo que aquilo que ele procurava estava diante de si, e, mesmo que se tratasse do passado, era um passado que mudava à medida que ele prosseguia a sua viagem, porque o passado do viajante muda de acordo com o itinerário realizado, não o passado recente ao qual cada dia que passa acrescenta um dia, mas um passado mais remoto. Ao chegar a uma nova cidade, o viajante reencontra um passado que não lembrava existir: a surpresa daquilo que você deixou de ser ou deixou de possuir revela-se nos lugares estranhos, não nos conhecidos. (CALVINO, 1991).

Com a aposta numa literatura marginal, que se ocupe das minorias (DELEUZE; GUATTARI, 2015) ensaiamos transitoriedades e invenções de práticas fortalecidas pela literatura que *menor*, compõe, politiza e desterritorializa para (r)existir nesse corpo de estudante-trabalhador que habita a pós-graduação da universidade pública, como um tipo de pesquisador que não cria raiz; que (re)inventa outros usos para as pernas, cavoucando percursos e diversos percalços para habitar, deslocar e tecer com as linhas de fuga, mas também, com as linhas mestras da composição do tecido que recobre as grandes instituições. Forjando andanças

pelo *entre* das forças disciplinares, ao modo inseto que poliniza, e não mais, polariza, essa metamorfose de estudante-trabalhador-pesquisador passa a ser tomado por nós como condição de possibilidade para a invenção de um pesquisador nômade que colhendo fragmentos narrados, tensiona inventar um habitar comum.

4 SUSTENTAR UM HABITAR PELAS MARGENS DE PESQUISA

4.1 Diários – Um “Fora-Texto” Institucional

Quando conduziu o curso-acontecimento “Análise Institucional e Práticas de Pesquisa”, em 1993, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), René Lourau propôs que fossem problematizados e analisados os lugares que se ocupa na sociedade, em específico, no âmbito acadêmico de pesquisa, em que a produção de conhecimento é diretamente afetada pelas ideologias e valores de quem o constrói. Ele foi taxativo na afirmativa de que “neutralidade axiológica” e a “decantada objetividade” não existem (LOURAU, 1993, p.16), afirmando que, em tempos contemporâneos de pós-Guerras Mundiais, em especial, ao uso de bombas atômicas, era preciso ser louco ou canalha para insistir numa cientificidade neutralizada do saber. Insistia que a análise de implicação na composição de discursos epistemológicos urgia diante da posição colonizadora e neo-colonizadora que mesmo pesquisadores de esquerda ainda ocupavam:

Se realmente compreendermos que a análise de implicação do pesquisador deva estar no âmago da pesquisa, talvez isso possa levar à produção de um novo tipo de intelectual, ao qual a pergunta se referia. Penso ser isso o que podem fazer os intelectuais: interessar-se apaixonadamente pela contradição, ao invés de “levar ao povo” a verdade universal. (LOURAU, 1993, p. 92).

A singularidade do percurso e a impessoalidade do caminho, inventado como território existencial, nomeiam as paisagens que margeiam os territórios habitados nessa pesquisa. Na marcação dessas intensidades se deu a escolha por um modo de escrita menor. Escolha por escrever a partir da companhia de diários de pesquisa, em que se pudesse afirmar os fragmentos que beiravam as passagens pelos *entres* urbanos, invisibilizados, esquecidos e desnecessários a outras cenas de pesquisa, para alargar as narrativas que circulavam em tempos outros, apenas dentro da instituição. A escolha de diários de pesquisa como dispositivos do “fora do texto” (LOURAU, 1993, p. 71) institucional foi estratégica para que fosse possível escrever linhas que violassem a neutralidade científica, profanassem o caminhar de pesquisa inicialmente compreendido e visibilizassem a pretensão de descolonizar (RIBEIRO, 2017) o saber manifestado pelos textos hegemonicamente consagrados, nos temas que guiam este percurso. Diários de pesquisa como textos que sustentam os deslocamentos pelos entres e suportam a densidade da experiência de quem, com o corpo, se lança ao campo como trabalhadora-estudante cheirando a purulências.

Quando Foucault (1992) nos fala dos cadernos de notas, afirma de antemão o que eles não são: não são diários íntimos, não são armários de recordações, não são confessionários, tampouco, movimento de escrita para perseguição e descoberta do oculto, longe disso, propõem-se como reunião daquilo que se olhou, leu e afetou como subjetivação do discurso. Estes diários são algo que registra a escolha de elementos heterogêneos numa composição de escritos praticados como exercício de si, como arte da verdade, como uma forma de articular a tradição do que já foi dito com a singularidade das circunstâncias que o envolvem.

O papel da escrita é constituir, com tudo o que a leitura constituiu, um “corpo” (*quicquidlectione collectum est, stilus redigat in corpus*). E, este corpo, há que entendê-lo não como um corpo de doutrina, mas sim – de acordo com a metáfora tantas vezes evocada da digestão – como o próprio corpo daquele que, ao transcrever as suas leituras, se apossou delas e fez sua respectiva verdade: a escrita transforma a coisa vista ou ouvida “em forças e em sangue” (*in vires, in sanguinem*). Ela transforma-se, no próprio escritor, num princípio de ação racional. (FOUCAULT, 1992, p. 5).

Escritas da experiência em modos de diari(ar) que sustentaram por *fora* dos textos institucionais, muitas das publicações referenciadas como obras de grandes autores. Diários podem sustentar em escritas uma razão poética para as produções do escritor. O que tensionamos aqui é a segregação entre o texto diariado e o científico, entre aquilo passível de ser reconhecido como texto-obra e aquilo que resta por entre as gavetas, empilhadas em pequenos fragmentos, que transpiram a experiência de alguém que transcreve-se de pele em rascunhos, como o fez Barthes (2011), ao perder a mãe e sustentar uma escrita diarística e fragmentada paralela à produção de textos como “O Neutro”, “A câmera clara” e a “Preparação do romance”, no que depois passou a ser seu Diário de Luto: “Não quero falar disso por medo de fazer literatura – ou sem estar certo de que não o será –, embora, de fato, a literatura se origine dessas verdades”. (BARTHES, 2011, p. 23). Gêneros menores de escrita, como os diários, parecem ter sido a sustentação para grandes obras, sabe-se que a criação de vacúolos de silêncio, pode exigir uma escrita assim.

Diários e cartas como dispositivos “fora do texto” que marginalmente dão pistas do que pode ser um percurso de quem pesquisa na errância dos *entres* institucionais, forjados na experiência das relações com o inesperado da cidade e dos encontros com aquilo que brota à margem das passagens. Funcionam como memória das narrativas vividas por entre peles-muros transmutados e bricolados num modo de (r)existir, autorizando que trabalhadores-estudantes também reconheçam em seus insignificantes trajetos profanos, múltiplas entradas e saídas como potência para outros modos de andar numa experiência de pesquisa. Sobre os lugares de fala, quando Ribeiro (2017) escreve o primeiro número da coleção “Feminismos Plurais”, utiliza no

prefácio do livro “O que é o lugar de fala?” as seguintes palavras de Lélia Gonzalez:

E o risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (*infans* é aquele que não tem fala própria, é a criança que fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos) que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa. (GONZALEZ, 2017).

4.2 Cartas – Escrever Com (Um) Endereçamento

Em recente entrevista concedida ao jornal El País, Richard Sennett (2018), fala sobre os direitos civis e as novas tecnologias nos processos de subjetivação. Já ao término da entrevista, quando fala sobre a criatividade: “em sociologia, ser criativo é procurar uma voz própria. Mas só a temos falando para alguém. Não se tem voz própria para falar sozinho”, pensamos sobre as necessidades que uma trabalhadora-estudante e um trabalhador-estudante que habita um território desconhecido têm de se conectar com quem tem um lugar ou endereço demarcado. Ou, melhor, precisa reconhecer, mesmo em meio ao *fora*, lugares afetivos para onde endereçar os fragmentos estilhaçados das narrativas que consegue perceber-produzir ao andar pela rua. As cartas são, assim, rápidas ancoragens de afeto. Escritos endereçados a alguém que sustenta um lugar ao qual é possível reconhecer, retornar e tornar a deslocar. Talvez, seja a prática epistolar aquilo que mais visibiliza a escrita entre territórios, afinal, são palavras sempre em movimento, à espera de um encontro em que se tenha condições de afetar e ser afetado para poder seguir sustentando uma correspondência.

São as cartas grandes privilegiadas no percurso nômade pelas cidades. São elas que em companhia de um carteiro fazem percursos traçados, mas, também, inventam muros a serem contornados. Quem pesquisa ao estilo nômade pelos *entres* não instituídos, precisa ter a esperança de retornar do caos e viver alguns instantes de acomodação, que seja no próprio contorno da letra reconhecida, respondida pela pessoa querida. Cartas para um viajante que pesquisa, podem produzir outras intensidades num percurso que, por ser desconhecido, às vezes, precisa de uma narrativa que diga da transmissão. Que rememore uma história de experiências. Aquele que, acostumado a fugir por brechas, desbrava horizontes ainda não visíveis, tem jeito para levar consigo apenas as palavras que lhe marcam com endereçamentos afetivos.

As cartas, assim, tem sido um ponto de encontro para quem pesquisa em fluxos, cartas-pontos que vão se constituindo como endereçamentos de possibilidades para linhas inventivas de novos e velhos tráfegos. Deleuze (2018) não reconhecia nas suas correspondências um

prolongamento de suas obras, ao contrário, sem importância nenhuma para ele, o filósofo descartou todas as cartas que recebera. Escritor não preocupado com a marcação das datas nas cartas que enviava, atualmente só é possível reconhecer o período de certos endereçamentos seus, pelos contextos narrados nas correspondências guardados por amigos. Das tantas cartas endereçadas a amigos e companheiros, dois trechos delas merecem destaque aqui. São trechos das cartas enviadas ao seu intercessor-companheiro Félix Guattari, em 1970, durante a escrita compartilhada da obra “O Anti-Édipo”. Trechos que contam da escrita pela experiência, em fragmentos, mas como sempre, sustentada por endereçamentos afetivos na composição de uma escrita comum.

De modo que, atualmente, preciso cada vez mais das suas notas; salto delas para o que estou lendo, e inversamente. Eu as talho e detalho. Pergunto-lhe, portanto, se lhe é possível ficar ainda sem elas até chegar à última parte sobre o capitalismo, momento em que poderei repassá-las a você sem inconveniente. Diga-me. Até breve. Com afeição, Gilles. (DELEUZE, 2018, p. 51).

e

Ora, você dizia que, praticamente, já aplicava essa direção de esquizofrenização terapêutica, forçando, precipitando seus pacientes de terapia a saltar, a *desligar* (não a resolver) Édipo. É isso que eu queria que você escrevesse, suas direções atuais de terapia, não importa como, escreva isso se lhe aprouver, com um ou mais exemplos, é formidável. Isso iluminará o capítulo IV. Com afeição, Gilles. (DELEUZE, 2018, p. 51).

4.3 Carta IV

Porto Alegre-se, março de 2018.

De: Pesquisadora-Ensaísta

Para: Pesquisadora-Docente

Olá Colega, que passa?

Tem sido angustiante pensar nessa tal ficção ensaiada por alguém que estuda e trabalha, sabe? Será mesmo que isso tem jeito? Digo jeito, no sentido produtivo de uma dissertação, afinal a água já bate no joelho (ou seria pescoço?). Pois é, até que ponto conseguimos sustentar que esses furos nos muros das instituições disciplinares de trabalho e educação podem ser ocupados e potencializados para a invenção? Tenho todas as minhas dúvidas.

Lembra daquele discurso inflamado que tínhamos há três semestres? “Ah, porque a universidade não consegue escutar e acolher as demandas do trabalhador!”, “Ah, porque a vida não para para aprendermos. Como assim parar de trabalhar para estudar? De que lugar essa gente tá falando?”, “Ah, porque eu estou exausta e não estou conseguindo ler essas duzentas e setenta e sete páginas paradoxais sobre a diferença e talvez eu nem devesse estar aqui, me sinto mais segura botando os dedos nas caras lá da reunião do que em sala de aula com esse povo que fala esquisito”.

Passada boa parte do percurso formativo institucional desse mestrado, te pergunto, se afinal de contas, não estamos navegando demais na batatinha e criticando acentuatadamente a não relação entre os discursos acadêmicos e laborais. Será que não é isso mesmo? Será que não deveríamos parar de insistir e inventar moda com metáforas de relação entre os territórios que tanto queríamos habitar? Sei lá! Andei pensando que talvez o caminho seja esse mesmo. Esse de FOCAR numa perspectiva de formação e seguir o que se propõe em cada asilo castelar. O trabalhador no seu cercado de normas e prescrições, lá no castelo que acredita na divisão entre quem pensa e quem faz; e o estudante habitando a universidade para aprofundar e dedicar-se aos projetos e pesquisas, mesmo que para isso ele se converta em um sacerdote da CAPES. Às vezes, cansa, sabe?! São mais forças contra do que a favor. O trabalho te engole, a pós-graduação te engole, a sociedade te engole, o golpe na democracia nos engole. Sério, às vezes acordo pensando que pode ser construído um outro caminho que opte apenas por uma habitação. Essa sina de costureira é exaustiva e como diria a minha vó: quando a gente tapa um santo, descobre o outro.

Afinal de contas, o que mesmo nos fez escolher habitar por entre castelos e sustentar um percurso de pesquisa? Era o desejo de aprender a dar aula, o desejo de tornar-se docente, trabalhadora de sala de aula. Lembra disso? Da aposta no mestrado como uma formação de si e da pós-graduação como aquele lugar que escutaria as experiências que transbordavam pelos territórios de trabalho e ansiavam por um encontro acadêmico em que fossem acolhidas e articuladas com o lugar da produção do conhecimento. Sim, era isso. Era por isso que sonhávamos com um percurso formativo na academia! Para a ampliação da potência que só os encontros em sala de aula podem dar à produção de conhecimento.

Talvez seja a formação docente que nos possibilite encontrar possibilidades de passagens pelos muros do trabalho e da educação. Quando a vó dizia que quem tenta fazer tudo ao mesmo tempo acaba por não fazer nada, descobrindo um santo, posso transformar esse tal “descobrir de santo” não em algo que o deixe desassistido, passando frio, como a gíria popular propõe, mas ao descobrir outro santo, podemos entender que o estilo de pesquisador

nômade forjado por quem trabalha e estuda ao mesmo tempo ativa nas instituições outros modos de relação com o conhecimento. Se há um enclausuramento dos conhecimentos, tanto nos castelos de trabalhos, quanto nos castelos de educação, talvez seja da condição desses andarilhos da pesquisa rachar percursos e desmoronar caminhos acentuadamente marcados. Porque esses que estudam e trabalham nunca estão sempre no mesmo lugar, ao contrário, descobrem os pés para cobrir outros rumos.

Semestre passado me experimentei como pesquisadora-docente. E lembro de dar-me conta de que até aquele período, quase todas as nossas discussões tensionavam o forjar-se pesquisador e poucas ou nenhuma versavam sobre o forjar-se professor. E foi na experiência de estágio docente que pude experimentar a potência do encontro daquela que estudava e pesquisava e ali também atuava como trabalhadora docente. Os campos castelares se cruzaram e, por dias, até se misturaram. Era preciso escutar, escrever, planejar, propor, (re)construir, analisar, avaliar e encontrar com aqueles que também estavam em formação, em formação na graduação para se tornarem trabalhadores da psicologia. Acho que aí o que era forjado como questão de pesquisa, a princípio, distante e sofrida por tratar-se da própria experiência de quem insiste em sustentar a passagem pelos muros instituídos da educação e do trabalho, finalmente tomou corpo e se atualizou na relação com uma turma de graduandos em psicologia. A questão de pesquisa se corporificou e agenciou o que parecia já ter perdido a tenacidade. A formação de si como trabalhador se atualizou também na universidade, pelos alunos que aprendiam sobre a Psicologia e o Trabalho e pela estagiária da pós-graduação que se (re)encontrava trabalhando como educadora.

Parece ser essa a questão que possibilita a perfuração nos discursos duros e lisos das instituições castelares: a aprendizagem de um ofício, nesse caso, o ofício do mestre, dentro e fora, lá e cá, pela educação e pelo trabalho.

Andei lendo uns textos sobre a linguagem e já entendi que acabei de escrever algo que não era bem o que eu queria dizer. Mas por hoje é só isso mesmo, outro dia te escrevo mais sobre isso que nos tem passado.

Abraço,

Uma pesquisadora afetada por endereçamentos.

4.4 Diário Coletivo – Uma Passagem Para Escrita Comum

O livro como imagem do mundo é de toda maneira uma ideia insípida. Na verdade não basta dizer viva o múltiplo, grito de resto difícil de emitir. Nenhuma habilidade tipográfica, lexical ou mesmo sintática será suficiente para fazê-lo ouvir. É preciso

fazer o múltiplo, não acrescentando sempre uma dimensão superior, mas, ao contrário, da maneira mais simples, com força de sobriedade, no nível das dimensões de que se dispõe, sempre $n-1$ (é somente assim que o uno faz parte do múltiplo, estando sempre subtraído dele). Subtrair o único da multiplicidade a ser constituída; escrever a $n-1$. (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 21).

Escrever a várias mãos e entoar múltiplas vozes como possibilidade de invenção de um lugar para a pesquisadora e o pesquisador, que trabalha e estuda na pós-graduação, foi a forma encontrada para invenção de um dispositivo que pudesse intervir na escrita solitária e individualista, academicamente instituída, na organização dos modos de escrita da pós-graduação. Escrever com um grupo de pesquisa, pelos *entres* que costuram e vitalizam suas experiências, podia ser uma proposta para um caminhar comum pelas ruelas e corredores desertos e com poucos movimentos humanos. A pesquisa não podia mais falar de um trabalhar *outro*, mas de uma pesquisa *outra*; nos tempos em que se tramam e compõem um trabalhar e estudar; nas particularidades das experiências vividas como tempos de conexão, como regularidades que podem se desenhar na impermanência das fronteiras disciplinares e, por fim, na potência da criação de um *comum* (BARROS; PIMENTEL, 2012) que possa enfrentar as forças individualizantes e reativar os coletivos para pensar a política nas políticas públicas em educação e trabalho. Assim, reafirma-se, nas experiências da vibração dessa pesquisa, que as questões que nos orientam poderão ser discutidas a partir da produção de um comum, da composição coletiva de uma escrita que marque as passagens e intensidades daqueles que conosco tem habitado esses territórios para outras (r)existências escritas, marcadas num diário coletivo de pesquisadoras-estudantes-trabalhadoras-nômades e de pesquisadores-estudantes-trabalhadores-nômades.

Durante o acompanhamento do IX Seminário Nacional de Psicologia e Políticas Públicas, do Conselho Federal de Psicologia, realizado em Porto Alegre, chamou-nos a atenção a experiência narrada pela Professora Flávia Cristina Silveira Lemos, da Universidade Federal do Pará (UFPA), da qual dizia que seus orientandos de pós-graduação co-orientam uns aos outros. Contava ela, aos profissionais e estudantes presentes, que eles não esperavam os alunos adoecer ou desaparecerem; muito antes, escutavam o sofrimento vivido pelos pesquisadores-estudantes e, com isso, já se rachava o discurso capitalista da universidade. Segundo ela, essa é uma possibilidade encontrada para trabalhar com a micropolítica dos afetos e aprendizagens na educação universitária. Experiência importante para se colocar em análise os modos como a escrita tem sido espremida pelos imperativos sociais do tornar-se pesquisador.

Diz Deleuze (1997, p. 15) que a “saúde como literatura, como escrita, consiste em inventar um povo que falta. Pertence à função fabuladora inventar um povo”. Inventar, então,

um coletivo de pesquisa que se disponha a escrever junto, escrever com. Inventar um povo que tem habitado a pós-graduação e se questiona sobre quais as condições de possibilidade poderia sustentar um estilo com suas marcas e gestos de trabalhadoras-estudantes e de trabalhadores-estudantes. É daí que surge a proposta de invenção de um grupo para uma escrita comum. Inspiradas em Lazzarotto e Axt (2012), propusemos ao Grupo de Pesquisa Caópticos (PPGPSI/UFRGS), composto majoritariamente por trabalhadoras-estudantes e trabalhadores-estudantes, uma escrita coletiva que pudesse dar visibilidade às experiências que compõem os percursos e percalços de um pesquisar nômade, com quem se atreve a enfrentar as forças que compõem territórios existenciais no *entre* caminhos das instituições trabalho-educação.

Quando Deleuze e Guattari (2015) falam dos atributos da literatura menor, afirmando sua linguagem desterritorializada, sua vida política e expressão coletiva, entendemos que a possibilidade de dar passagem para uma minoria que sabe e pode falar seu dialeto, mesmo em relação com a hegemônica linguagem individualista da pós-graduação, pode se dar pela intercessão de furos na prática instituída de escrever. Se as agitações acadêmicas pareciam estar próximas ao frenesi do trabalho, cogitamos que a criação de vacúolos de silêncio na pós-graduação, também poderia disparar outras formas de relação comum. Acreditamos que a escrita experimentada com outros, que também sujam a universidade, pode compor um interessante modo de produzir coletivos. Como minoria que já operava encontros, resistências e escritas pela universidade, achamos que o convite que Deleuze (2013) fazia para surpreender o grupo em flagrante delito de fabulação poderia se dar através de um convite para escrita comum num Diário Coletivo, sonhado como fissura de um plano liso, que ainda não se dobrava, e tampouco suportava deslocamentos.

Assim, foi endereçada a cada um de oito componentes, trabalhadoras-estudantes e trabalhadores-estudantes do grupo, uma carta singular em que se apresentava a proposta e os desejos desse movimento de escrita compartilhada. Acreditava-se naqueles dias que a proposta de uma escrita comum poderia ser um interessante dispositivo de passagem para as questões, experiências purulências, desejos e toda a poeira dos ombros que estes podiam carregar para pós-graduação. Foi criado através da ferramenta “Google Documentos” um *link* para acesso irrestrito e virtual desses participantes a um endereço armazenado em nuvem, que poderia ser acessado de qualquer dispositivo eletrônico, que estivesse conectado à *internet* em que o usuário dispusesse de conta no “*Gmail*”.

O convite ao grupo de estudantes-trabalhadores foi lançado em novembro de 2017, quando foram enviadas cartas nominais a cada um dos integrantes. O espaço virtual para a produção do Diário Coletivo esteve disponível por cinco meses, tendo seu ciclo encerrado em

abril de 2018.

A seguir, a Carta-Convite que abriu o Diário Coletivo.

4.4.1 Carta – Convite

Tempo de Mestr(ar). Novembro/2017.

Queridas e Queridos Colegas,

Há dias e alguns meses que penso em lhes escrever.

Há uma vontade muito grande de compartilhar pela escrita aquilo que transborda e inunda um cotidiano de trabalho e educação tecido com as linhas emaranhadas de uma vida acelerada no seu chronos, afetada pelo social e desejosa de um espaço-tempo em que seja possível costurar retalhos de imaginação, afetos e experiências.

No dia 24 de agosto/2017, vulgo dia de minha qualificação de projeto para o mestrado, foi apresentada pela banca, mais precisamente pelo professor Luciano Bedin, uma proposta metodológica que, desde então, vem nos perseguindo e pedindo passagem para se apresentar. Trata-se de uma escrita comum, algo que não sabemos bem como fazer, mas traduzimos como um possível Diário Coletivo. Um diari-ar escrito a várias mãos, pensamentos e vontades sobre o cotidiano daquilo que estudantes-trabalhadores/trabalhadores-estudantes produzem continuamente ao habitar em territórios existenciais. Territórios produzidos nos mais diversos percursos que fazemos entre as grandes instituições da Educação (para todos nós, a pós-graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do RS) e o Trabalho (atualmente compomos um grupo de pesquisa em que todos nós podemos ser considerados, ou melhor, podemos nos considerar trabalhadores) seja nas políticas públicas, nas extensões da universidade, nas empresas privadas, nos consultórios, nas escolas, na saúde mental, na socioeducação e nas mais diversas experiências que temos ao nos constituirmos como sujeitos imersos na subjetividade capitalística.

O convite que lhes faço é disparado para uma produção coletiva de um diário com marcas escritas, em que possamos construir um emaranhado tecido com as várias linhas que compõem a heterogeneidade do nosso grupo. Neste início, o convite também é um pedido de ajuda(!), pois, se esta proposta for desejada por vocês também poderei trabalhá-la como intervenção da pesquisa, já que, pós-qualificação, entendemos que um ethos possível para meu modo de compor pesquisa seria (poderá ser?) escrever com aqueles que também habitam os

mesmos territórios existenciais que me instigaram e provocaram na construção dessa pesquisa. Afinal, como podem tantos trabalhadores habitarem o instituído campus universitário sem se escreverem?

Não sabemos muito bem por onde ir ou mesmo quais palavras escolher para este convite (que bela amiga, não?), mas parece que isso faz parte do convite: jogar o carão contra o vento e embarcar na aventura do não saber (como tão bem a nossa ruiva linda nos contou que faz no seu trabalho), arriscar uma escrita que não tem início, nem meio e muito menos fim. Aqui uma revelação, um sonho, vá lá, um desejo: gostaria muito de ter nesse diari(ar) um material gostoso para surfar nas ondas do meu pesquisar para mestrar, mas depois de agosto de 2018 (quando provavelmente nos despediremos do mestrado) sonho que essa escrita siga viva no grupo lindo de pesquisa que temos e ler muitas e muitas pesquisas, ensaios, escritos extrainstitucionas tecidos desde essas páginas.

Sonho grande, não? Mas bem lindo, assim como o nosso grupo.

Talvez, aqui, seja interessante a revelação da única certeza que tenho ao disparar essas linhas escritas: somente nosso grupo terá acesso a esse diário, somente nós teremos acesso ao drive do Google (Sim, eu também acredito nas teorias da conspiração, então, é possível que os magnatas da T.I. possam acessar nosso diari(ar), mas esse paradoxo nos serve muito bem: é uma teoria da conspiração e acredito que nesse caso, as coisas do cosmos conspiram a nosso favor).

Lembro da Jaque sorridente no início deste ano contando que na primavera atual teríamos um grupo composto com lindas e lindos pesquisadores trabalhadores. Lembro de falar sobre isso no meu trabalho e do “Uauuuu” suspirado por algumas colegas da firma, pois, segundo elas, na nossa UFRGS, ao menos para quem estava fora dos muros da educação universitária, o acesso só era permitido para quem considerava-se única e exclusivamente acadêmico. Eu sorri de volta para elas, feliz pelo reconhecimento externo ao processo que nossa orientadora estava dando ao grupo, mas pensei com os meus pequenos botões: “Nesse semestre não farei disciplinas porque 87% delas acontecerão nos turnos da manhã e tarde. O meu banco de horas na empresa já está suficientemente negativo para um bom desconto no final do semestre”.

Nesse semestre sinto que temos tido poucos encontros, e mesmo pelo número reduzido de encontros, sinto falta de falar com vocês sobre outras questões que não cabem no tempo cronológico limitado de um final de quarta-feira. Daí, mais um convite para esse encontro virtual, um espaço produzido de outras formas para endereçarmos uns aos outros aquilo que nos passa na produção desses rizomas coloridos que são as experiências de trabalhadores no

encontro com a universidade. No meu projeto de pesquisa, escrevi sobre as cenas que experimentava e acompanhava na passagem do “entre” instituições Educação-Trabalho. Muitas vezes não era nem do trabalho, nem do mestrado, mas da violência nas ruas, das cotas, da desigualdade dos meninos que não puderam entrar na livraria, das folhas despreocupadas que iam cair na calçada do outono durante um café ou uma cerveja. Tenho me questionado muito sobre quais são as condições de possibilidades para alguém subjetivado pela lógica do trabalho contemporâneo conseguir acessar, ou melhor, sustentar um habitar nos territórios universitários dessas grandes academias produtores de ciência, saber, conhecimento, em diversos momentos ditos neutros, por isso, a opção pelo desvio, pelo caminho do meio, por aquilo que fica no entre dos muros institucionais.

O diari-ar cotidiano das marcas menores, do sensível, do periférico que nem sempre são contemplados nas publicações acadêmicas, mas sempre estiveram e parecem estar nas suas produções de vida têm despertado meu gosto pelo ensaio de narrativas que acompanham despreocupadamente algumas minoridades da vida; daquilo que parece ser pequeno, da delicadeza dos movimentos quase imperceptível se não houvesse alguém sentado numa mesa de bar/parada de ônibus/na calçada da rua disposto a acompanhar, registrar e endereçar a alguém aquela cena.

Daí um diário.

Um diari-ar para nossos registros, nossas marcas, nossos movimentos, nossas questões, nossos afetos e endereçamentos. Um diário para narrar nossos tempos e buscar ar para seguirmos experimentando outros encontros, sonhos, métodos...

Por ora, compartilho o convite da escrita livre e simples sobre aquilo que nos passa a partir dos lugares de quem pode trabalh(ar) e estud(ar). Não tenho maiores informações, muito menos noção de como, pra onde, de que forma... é apenas um convite para um aventurar-se escritor-pesquisador. Até então, sem regras, normas ou procedimentos. Apenas escrever, encontrar e marcar nossos percursos com um pouco de busca pelo ar coletivo de uma experiência diária.

Assim como na primeira carta que um dia escrevi a este mesmo-outro grupo,

Com afeto... Camila Alves.

4.4.2 Experiências De Uma Escrita Comum

Passaram-se cinco meses desde a abertura para essa outra composição acadêmica e

apenas uma trabalhadora-estudante teceu suas palavras com as que a convidavam a participar do Diário Coletivo. Pesquisadora-trabalhadora que falava da criação do seu lugar na pós-graduação, da autorização para ensaiar uma escrita e dos percalços vividos, também como mãe, nesse corpo de pesquisa. Um comum que se entrelaçou em dois momentos desses longos meses de espera. Um comum costurado a mãos de quem herdara das famílias a tradição com retrós, linhas e pontos atrás, alinhavados e costurados em retalhos de tecidos que andavam pela casa em corpos de bonecas, nos corpos das clientes, mas também encerando o chão com os joelhos daqueles que brincavam se arrastando por entre as pernas dos adultos.

Alguns não conseguiram escrever nesse diário por falta de tempo, por demandas constantes da produção da pós-graduação, por demandas da vida que pediam a produção de um comum não necessariamente marcado numa nuvem. Ao término daquele período, em que a brecha de escrita outra esteve disponível, ficamos a pensar nas possibilidades encontradas por pesquisadores já tão atarefados em reconhecer nessa intercessão não mais uma atividade, mas um ensaio em que era possível jogar com palavras aquilo tudo que não encontrava outros lugares. Aliás, talvez, seja essa uma das questões a serem pensadas, aquilo tudo que vive uma trabalhadora e um trabalhador purulentos de experiências nos corredores acadêmicos é muito, e a pele já exausta do exercício de cicatrizar, às vezes, cansa de se regenerar.

Foucault (2001) questiona o que é um autor e fala sobre sua não universalidade como função, assim como as especificidades que ele ocupa em cada discurso na nossa civilização. Se as epopeias gregas e as narrativas árabes não careciam da nomeação de um autor porque diziam de uma história ancestral, transmitida pela oralidade, preocupadas em ocupar o lugar da morte com a contação de histórias como Sherazade o fez, os textos ditos científicos, ocupados com a explicação da cosmologia, das doenças, das ciências naturais só podiam ser aceitos na Idade Média mediante marca da sua autoria. Se a escrita de textos literários, narrativas, contos e tragédias não careciam da função-autor por serem textos que pertenciam ao povo e à cultura que os transmitiam, a escrita de textos, que se detivessem no campo da investigação e da pesquisa precisava ser nomeada pela sua autoria, pois, já não estava conectada ao transcendental e podia ser transgressora em sua comunicação. Possivelmente vem daí a importância de deslocar a autoria dissipada numa paisagem coletiva para a individualidade de um sujeito que pudesse ser punido pelo que escrevesse ou que pudesse atestar a verdade daquilo que anunciava ser científico.

Interessante pensar que nessa pesquisa se propôs um movimento de desindividualização da função-autor para a coletivização das narrativas daqueles que se produzem como trabalhadoras-estudantes-pesquisadoras e como trabalhadores-estudantes-pesquisadores e que,

apesar das várias apresentações desse dispositivo, poucos a adotaram como uma prática de produção do comum, que pode nos atravessar desde o lugar como escritoras-trabalhadoras e escritores-trabalhadores na academia. Parece que aqui, mais uma vez, Foucault nos ajuda a elaborar a relação com a singularidade da escrita daqueles que se atrevem a sustentar um lugar ocupado nas fendas do instituído. O discurso acadêmico segue sendo aquilo que se pode produzir individualmente, mas, desde esta pesquisa, foi possível experimentar outros modos de composição possíveis na tessitura do escrever. Mesmo não havendo a dita “aderência” a proposta realizada ao grupo de trabalhadoras e trabalhadores que pesquisam, seguimos sustentando a ideia de que uma das saídas para desviar dos discursos e escritas hegemônicas, segue sendo as operações que tensionam um comum. Por isso, a necessidade de afetar os que estão disponíveis a mover-se num efeito cardume, pelos furos dos muros soterrados com as reproduções conservadoras de pesquisa.

Transpor a linha de força, ultrapassar o poder, isto seria como que curvar a força, fazer com que ela mesma se afete, em vez de afetar outras forças: uma “dobra”, segundo Foucault, uma relação de forças consigo. (DELEUZE, 2013, p. 127).

Dobrar com as forças que modulam passagens e tensionar a habitação de territórios existenciais na relação com outros que também circulam por aí. Polinizar trabalho na educação e educação no trabalho, inventando modos de pesquisa que abram brechas nas hipóteses instituídas e marcadamente definidas. Essa segue sendo a aposta na composição de um plano comum de pesquisadores nômades, seja ela uma composição marcada em escritas, seja ela experienciada em afetos e narrativas orais que abraçam um estrangeiro cansado e encardido.

Aliás, escrita que pode ou não responder a uma questão de pesquisa. Barthes (1970) encerra o seu texto sobre escritores e escreventes falando do paradoxo no qual contemporaneamente vivemos. Estamos todos, segundo ele, entre essas duas posições. “Queremos escrever alguma coisa, e ao mesmo tempo, escrevemos só. Em suma, nossa época daria à luz um tipo bastardo: o escritor-escrevente”. (BARTHES, 1970, p. 38). Um tipo que narra num estilo entre funções de escritor e escrevente, algo como o feiticeiro e o intelectual, que “fixam de certo modo uma doença necessária à economia coletiva da saúde”. (BARTHES, 1970, p. 39). Desde o percurso nômade por entre instituições, podemos pensar que aos que pesquisam assim, cabe sustentar e tonificar essa posição bastarda, não instituída, arborescida ou volátil. Talvez, a trabalhadora-estudante e o trabalhador-estudante possam escrever ficções ancoradas em demandas do mundo e também dar passagem para aquilo que se relaciona com uma outra condição de passagem pelo tempo. Sendo uma ou outra posição, o que mais uma vez

vibra por aqui é o encontro com a brecha, com o furo que dá vasão a fuga para outros modos de passagem.

No longo percurso percorrido pelo Senhor K., durante as diversas tentativas de entrar no castelo e encontrar-se com o seu contratante, o dito agrimensor trilhou diversos caminhos pela cidade e produziu diferentes encontros com os habitantes locais, tão locais, que, por vezes, confundiam-se com os próprios muros do castelo. Num desses encontros, já cansado de buscar pelo seu lugar como aquele que demarcaria as terras da cidade, saca a carta que havia recebido de um alto funcionário do castelo e interroga o porquê do seu trabalho não ter iniciado ainda. Ao que o alcaide respondeu:

Esta carta não é, de nenhum modo, uma comunicação oficial, porém uma carta particular. Isto se pode ver claramente já no cabeçalho: “Mui estimado senhor”. Por outra parte não está dito aí, nem com uma só palavra, que o senhor esteja já contratado como agrimensor; antes, fala-se apenas em termos gerais do serviço senhorial; e tampouco isto está dito de forma a comprometer, porém que o senhor aceito “como já o sabe”, o que quer dizer que todo o peso da demonstração de que o senhor foi aceito, o senhor o endossa. E para terminar, fica o senhor remetido, quanto a todas as questões oficiais, a mim, exclusivamente, a mim, o alcaide, como seu superior imediato, que haverá de lhe comunicar todos os pormenores, coisa que em sua maior parte já está feita. Para quem saiba ler comunicações oficiais, e por conseguinte, melhor ainda as cartas extraoficiais, fica tudo isto mais do que esclarecido. Que o senhor, um forasteiro, não a reconheça, é coisa que não me causa estranheza. (KAFKA, 2013, p. 97).

De certo modo, as cartas enviadas por aqui também viveram destinos outros dos que aqueles inicialmente endereçados.

5 CONSIDERANDO POSSIBILIDADES PARA UM FINAL

O encontro se dá sempre pelo meio. Sempre estamos chegando depois de algo e saindo antes de alguém. Assim, aqui existe um ponto, muito mais cronológico do que intensivo, que registra a necessidade de uma saída. Saída não conclusiva. E é neste momento, que as forças conservadoras que atravessam esse corpo de pesquisa alertam para aquilo que segue dentro, repousando, tranquilo a espera também de uma brecha, veja bem, para sair e apontar aquilo tudo que ainda não chegou nessas margens. O estereótipo de pesquisa instituída ainda se reverbera aqui dentro, e segue apontando seus dedos assépticos para um modo de viver em pesquisa que segue tentando bricolar, mas também, fugir pelos buracos possíveis.

Há ainda muito a dizer e a rachar nas palavras já narradas, mas desde o tempo-lugar de quem pesquisa como trabalhadora-estudante, as considerações para uma despedida, seguem deslizando por possibilidades cavoucadas em peles metamorfoseadas. Peles que trocam de tempos em tempos aquilo que reside como membrana e se articula como ebulição de uma outra coisa, trocas que seguem operando por aqui. Se as tintas já não coagulam tanto nas canetas é provavelmente porque se encontrou modos comuns de (r)existir como pesquisadora nômade pelos entres murados e edificadas firmados por aí. Viver no grupo de quarta-feira à noite, um grupo de Caópticos, possibilidades de um comum para diari(ar) e deslocar-se com corpo movente pelos lisos, mas agora, também esburacados muros das instituições trabalho e educação dizem do poder de agir permitido pela composição de um grupo que pesquisa a vida experimentada.

Experiências que nos fazem perceber que as dificuldades inicialmente encontradas para viver entre trabalho e educação, tão enraizadas nas suas definições de um lugar ou outro, não eram assim, tão singulares ao percurso de quem corporifica a pesquisa em si como trabalhadora-estudante. Sim, as instituições estão muradas, gradeadas e não permitindo a circulação espontânea para quem metamorfoseia modos de vida desterritorializados. Segregações institucionais que tendem a se aprofundar, se as forças conservadoras que imperam e fazem temer nesse país insistirem na Reforma Trabalhista, na Reforma da Previdência, na Reforma do Ensino Médio, na Escola sem Partido, na Terceirização ilimitada dos serviços fins... e em todo o pacote desse desgoverno que ilegítima possibilidades de mutação e bricolagem entre instituições. Que não fique apenas na conta do (des)governo, mas como pontos de uma possibilidade de fim, cabe a essa dissertação visibilizar as barreiras vividas pelos *entres* institucionais solidificadas por macropolíticas/necropolíticas que seguem tentando binarizar trabalho e educação.

Desde a fabulação de um coletivo minoritário, em operação a partir de micropolíticas que arrombem o edificado e instituído por brechas e furos, pensamos que uma boa estratégia de (r)existência segue sendo a experimentação por dentro dos muros. Existir num território, pode ser uma forma de seguir sustentando invenções que escapem dos discursos totalizantes, minando estrategicamente a densidade poluente dos muros que serpenteiam uma cidade. Um entre que já foi porto de alegres, mas agora, de tão esburacada, buracos da violência conservadora e não da delicadeza operante dos desviantes nômades, começa a necessitar de cuidados armados para outro plano comum.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor Wiesengrund. O ensaio como forma. *In*: ADORNO, Wiesengrund Theodor. **Notas de Literatura I**. São Paulo: Editora 34, 2003. p. 16-17. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/181008/mod_resource/content/1/Adrono.%20EI%20ensaio%20como%20forma.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2018.
- ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Pista 7. Cartografar é habitar um território existencial. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 131-149.
- ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229-236, jan. 2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106>>. Acesso em: 20 abr. 2018.
- BARROS, Elizabeth Barros; PIMENTEL, Ellen Horato do Carmo. Políticas públicas e a construção do comum: interrogando práticas PSI. **Polis e Psique**, Porto Alegre, v.2, n. 2, p. 3-22, 2012. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/PolisePsique/article/view/35746>>. Acesso em: 12 jul. 2018.
- BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 2013.
- _____. **Diário de luto**. Editora: WMF Martins Fontes, 2011.
- _____. **Crítica e verdade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura**. 7. ed., São Paulo: Brasiliense, 1994. v.1: Obras escolhidas.
- CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1991.
- COSTA, Luciano Bedin da. Aos que ainda escrevem: a escrita acadêmica nos designs do neoliberalismo. **Linha Mestra**, Campinas, Ano XI, n. 33, p.21-28, set./dez. 2017. Disponível em: <https://linhamestra0033.files.wordpress.com/2018/01/lm_17_121.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2018.
- DELEUZE, Gilles. **Cartas e outros endereçamentos**. São Paulo: n-1 Edições, 2018.
- _____. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 2013.
- _____. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997.
- _____. **Foucault**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka: por uma literatura menor**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2015.
- DICK, André. O significante poético de Roland Barthes. **IHU On-Line: revista do Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, 08 mai. 2009. Disponível em:

<<http://unisinós.br/blogs/ihu/invencao/o-significante-poetico-de-roland-barthes>>. Acesso em: 12 jul. 2018.

ENGELMAN, Selda; FONSECA, Tania Mara Galli. O que pode o corpo do trabalhador? *In*: ENGELMAN, Selda; FONSECA, Tania Mara Galli (Org.). **Corpo, arte e clínica**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 49-64.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

_____. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. *In*: MOREIRA, Nadilza de Barros; SCHNEIDER, Liane (Org.). **Mulheres no mundo**: etnia, marginalidade, diáspora. João Pessoa: Ideia/Editora Universitária – UFPB, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos**: Estética – literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p. 264-298. v. 3. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3238534/mod_resource/content/1/foucault%2C%20michel%20-%20que%20C3%A9%20um%20autor.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2018.

_____. A escrita de si. *In*: **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1992. p. 129-160. Disponível em: <<http://eps.otics.org/material/entrada-outras-ofertas/livros/a-escrita-de-si-michel-foucault>>. Acesso em: 11 jul. 2018.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A produtividade da escola improdutiva 30 anos depois: regressão social e hegemonia às avessas. **Trabalho necessário**, Niterói, Ano 13, n. 20, 2015. Disponível em: <<http://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/8619>>. Acesso em: 11 jul. 2018.

GONZALEZ, Lélia. Racismo, e sexismo na cultura brasileira. Prefácio. *In*: RIBEIRO, Djamila. **O que é o lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017. (Coleção: Feminismos Plurais).

KAFKA, Franz. **O castelo**. Edição especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

_____. **A metamorfose e o veredicto**. Porto Alegre: L&PM, 2001.

KLINGER, Diana. **Literatura e ética**: da forma para a força. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

LAGES, Rodrigo Silva. A ficção: uma aposta ético-política para as ciências. **Fractal: Revista de Psicologia**, Niterói, v. 26, n. esp., p. 577-592, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/fractal/v26nspe/1984-0292-fractal-26-spe-0577.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2018.

LANCETTI, Antonio. **Clínica peripatética**. 3. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2008.

LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 04-27, jul./dez. 2011. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/2444/0>>. Acesso em: 12 jul. 2018.

LAZZARATO, Maurizio; NEGRI, Antonio. **Trabalho imaterial**: formas de vida e produção de subjetividade. 2. ed., Rio de Janeiro: Lamparina, 2013.

LAZZAROTTO, Gislei Domingas Romanzini. Experimentar. *In*: FONSECA, Tania Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Lívia do; MARASCHIN, Cleci. (Org.). **Pesquisar na diferença**: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 101-103.

LAZZAROTTO, Gislei Domingas Romanzini; AXT, Margarete. Uma singular pragmática do escrever: um diário coletivo. **Polis e Psique**, Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 120-136, 2012. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/PolisePsique/article/view/30511/25708>>. Acesso em: 11 jul. 2018.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LOURAU, René. **Análise institucional e práticas de pesquisa**. Rio de Janeiro: Gráfica da UERJ, 1993.

MAIAKOVSKI, Vladimir. E então, que quereis? *In*: PENSADOR. [S.l.], 2018. Disponível em: <<https://www.pensador.com/frase/MTYwNzk2OQ/>>. Acesso em: 10 set. 2018.

MELVILLE, Herman. **Bartleby, o escrivão**: uma história de Wall Street e outras histórias. Tradução: Cassia Zanon. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. Disponível em: <<https://leidsoncvsenac.files.wordpress.com/2009/12/miololivro.pdf>>. Acesso em: 11 jul. 2018.

PETIT, Michèle. **A arte de ler**. 2. ed., São Paulo: Editora 34, 2010.

PEZ, Tiaraju Dal Pozzo. Pequena Análise sobre o sujeito em Foucault: a construção de uma ética possível. *In*: **Seminário em Ciências Humanas**. 7. ed. Londrina: VII Seminário em Ciências Humanas. Londrina. Eduel, 2008. p. 1-14. Disponível em <http://www.uel.br/eventos/sepeh/sepech08/arqtxt/resumos_anais> Acesso em: 10 set. 2018.

RIBEIRO, Djamila. **O que é um lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. 2. ed., Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2014.

_____. Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estética/política no trabalho acadêmico. **Cadernos de Subjetividade**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 241-251, set./fev. 1993. Disponível em: <<http://www4.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensamentocorpodevir.pdf>>. Acesso em: 11 jul. 2018.

ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. O conceito de implicação e a pesquisa-intervenção institucionalista. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 44-52, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v26n1/06.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2018.

_____. A cartografia e a relação pesquisa e vida. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, p. 166-173, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v21n2/v21n2a03.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2018.

SENNETT, Richard. 'O gratuito significa sempre uma forma de dominação'. **El País**, publicada em 20/08/2018. Entrevista concedida para Anaxu Zabalbeascoa. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/09/cultura/1533824675_957329.html>. Acesso em: 29 ago. 2018.

SCHWARTZ, Yves. Conceituando o trabalho, o visível e o invisível. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 9, supl. 1, p. 19-45, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tes/v9s1/02.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2018.

SOARES, Fábio Montalvão. A produção de subjetividades no contexto do capitalismo contemporâneo: Guattari e Negri. **Fractal: Revista de Psicologia**, Niterói, v. 28, n. 1, p. 118-126, jan- abr., 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/fractal/v28n1/1984-0292-fractal-28-1-0118.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2018.

SOLER, Rodrigo Diaz de Vivar Y. Uma história política da subjetividade em Michel Foucault. **Fractal: Revista de Psicologia**, Niterói, v. 20, n. 2, p. 571-582, jul-dez, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/fractal/v20n2/19.pdf>>. Acesso em: 02 set. 2018.

VEIGA, José Jacintho Pereira. **Sombras de reis barbudos**. 14. ed., Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1988.

ZANELLA, Andrea Vieira. **Perguntar, registrar, escrever**: inquietações metodológicas. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2013.

_____. Escrever. In: FONSECA, Tania Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Lívia; MARASCHIN, Cleci (Org.). **Pesquisar na diferença**: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 89-91.

ANEXO – FRAGMENTOS DE UMA CARTA NÃO ENVIADA

Porto Caos, medo desse 2018.

De: Pesquisadora Nômade

Para: Professora Orientadora Companheira

Professora,

Estás acompanhando os movimentos dos caminhoneiros? Lembro dos parentes em 2016 fazendo paralização por causa do valor da gasolina. Agora o litro está quase R\$ 5,00 em Porto Alegre e mais de R\$ 7,00 em vários estados do Nordeste. Sinto como se as correntes do estado golpeado espremessem ainda mais minhas costelas. Você não?

Ontem, saía da tal da análise e olhando para a largura da avenida asfaltada e pensava no grande convite que é feito aos trabalhadores que chegam à pós-graduação: “Faça análise de implicação!”, “Você precisa fazer sua análise de implicação!”, “Você já fez sua análise de implicação hoje?”, “Você ainda está muito imerso no campo de trabalho é preciso que faça a análise de implicação dessa sua relação com ele.” Forte, né? Já foram quase mantras, mas hoje, talvez, componham uma imagem. Eu saía da análise e olhava para a rua, tarde da noite, encostada na sustentação metálica da parada de ônibus e aguardava o próximo coletivo urbano daquela noite. Olhava para a intensidade dos faróis que se agitavam naquele fim de dia e pensava no caos que vivemos. De repente me vi mergulhada em uma enchente, molhada pelas forças de águas sujas, contaminadas e cheias de componentes que passavam vigorosamente pelo meu corpo. Tentava nadar naquela turbulência, analisando rapidamente em quais dos objetos flutuantes eu teria mais condições de me sustentar e minimamente manter-me fora d’água. Passavam pneus com marcas das estradas, móveis com histórias não contadas, madeiras lascadas pelos esbarrões do fluxo do rio, animais peçonhentos assinalando que a situação da enchente não era das mais favoráveis, passavam pessoas nadando, se afogando e remando em botes infláveis, passavam troncos de árvores, passava medo e insegurança, quase desesperança e passava força e vontade de sair dali, passava o socorro. Passar pela experiência de construção de uma dissertação como trabalhadora-pesquisadora-estudante parece com isso: passar por uma enchente, seja ela de encosta de rio, seja num transbordamento urbano de esgoto-riacho, mas é sempre num mergulhar e num tentar sustentar-se na relação com objetos que descartados em outros momentos, passam a ser importantes na intensidade desses encontros. Tentativas de com eles, fazer uma dobra na enchente.

Olhava aquela avenida cheia de faróis e via a enchente na qual temos nadado nesse percurso de pesquisa como trabalhadoras que nunca estão em um lugar, mas flutuam por todos, se ancorarem em objetos flutuantes que passam e que conferem uma possibilidade de estabilidade para aquele instante. Acho que se dar conta da enchente que enfrentamos cotidianamente como pesquisadoras que trabalham pode ser um modo de analisar a implicação daquelas que chegam encharcados pela lamaceira da vida na academia universitária.